

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS**

Tiago Horácio Lott

**VIDVA**

Juiz de Fora

2025

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS**

Tiago Horácio Lott

**VIDVA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Literatura. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Orientador: Alexandre Graça Faria

Coorientadora: Lia Duarte Mota

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lott, Tiago Horácio.  
VIDVA / Tiago Horácio Lott. -- 2025.  
77 f. : il.

Orientador: Alexandre Graça Faria  
Coorientadora: Lia Duarte Mota  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora,  
Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.

1. Criação. 2. Psicanálise. 3. Romance. I. Faria, Alexandre Graça, orient. II. Mota, Lia Duarte, coorient. III. Título.

TIAGO HORÁCIO LOTT

VIDVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 28 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Alexandre Graça Faria - Orientador**

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Profª Drª Lia Duarte Mota - Coorientadora**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

**Prof. Dr. Edmilson de Almeida Pereira**

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Profª Drª Carolina Alves Magaldi**

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Profª Drª Claudia Fernanda Chigres**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

**Profª Drª Adriana Sucena Maciel**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Juiz de Fora, 07/03/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Alves Magaldi, Professor(a)**, em 28/03/2025, às 18:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Graça Faria, Professor(a)**, em 28/03/2025, às 18:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Sucena Maciel, Usuário Externo**, em 31/03/2025, às 12:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **CLAUDIA FERNANDA CHIGRES, Usuário Externo**, em 31/03/2025, às 17:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lia Duarte Mota, Usuário Externo**, em 03/04/2025, às 00:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Edmilson de Almeida Pereira, Professor(a)**, em 03/04/2025, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 2279775 e o código CRC **ECBAB64E**.

Dedico este trabalho à minha filha, Helena, e à  
minha esposa, Juliana.

## **AGRADECIMENTOS**

O término deste doutorado é, de muitas maneiras, a conclusão da minha trajetória acadêmica a qual, sem a ajuda de muitas mãos, não seria possível. Tentarei expressar aqui a minha mais profunda gratidão aos que estiveram envolvidos nesse caminho.

Gostaria de começar agradecendo ao meu orientador, Alexandre, por toda a paciência e dedicação ao longo de todos esses anos: atravessar uma pandemia podendo contar com o entendimento, a escuta e os conselhos de alguém foi muito importante para o sujeito-autor desse trabalho. Agradeço também à minha coorientadora, Lia, que se fez presente durante todo o processo, sempre com uma leitura muito atenta e gentil do meu texto.

Não posso deixar de agradecer também aos professores Adriana Maciel, Cláudia Chigres, Carolina Magaldi e Edimilson Pereira: suas contribuições foram muito valiosas para o aprimoramento do meu trabalho. Mais ainda: as ponderações feitas durante a qualificação e a defesa não só me ajudaram a enxergar melhorias e destaques no texto, mas iluminaram questões éticas fundamentais para o pensamento de alguém que se pretende autor.

Agradeço também aos meus amigos e familiares, que sempre estão ao meu lado, incentivando e comemorando minhas conquistas.

A todos que de alguma maneira participaram e contribuíram com esse processo, o meu muito obrigado!

“People who deny the existence of dragons are often eaten by dragons. From within”.

Ursula K. Le Guin

## RESUMO

O arquiteto japonês Tsuyoshi Tane desenvolveu um método que conta com uma intensa pesquisa destinada a escavar as memórias embutidas em um lugar e integrá-las ao processo criativo. Embora seus projetos visem o futuro, é a partir das reminiscências encontradas nesse processo de escavação que suas obras são erigidas. Ele chamou essa metodologia de Arqueologia do Futuro (2018). De maneira análoga, essa espécie de “mirada de Jano” parece-me também estar presente na escrita e na criação, o que me leva a entender tais fenômenos a partir da chave tarefa/renúncia (uma Aufgabe, reverberando Benjamin), os quais comungam, em larga medida, com estratégias e movimentos que são uma amálgama de pensamentos advindos da Psicanálise, dos Estudos da Tradução e da Arquitetura, além das reflexões colocadas pelo próprio processo criativo, cujo produto, o romance *Vidva*, também está em jogo nesse trabalho. Partindo dessa “escavação do porvir”, o presente trabalho intenta discutir a realização de uma dupla tarefa: a criação de um romance e a teorização desse processo. Para tanto, valho-me de conceitos como Ab-reação e Pulsão (Freud, 1985; 1915, respectivamente), Double coding (Jencks, 1978) e Ab-uso (Spivak, 2012), tentando, assim, dar conta de um fenômeno tão complexo e multifacetado como a escrita e a criação.

**Palavras-chave:** Criação. Psicanálise. Romance.

## ABSTRACT

The Japanese architect Tsuyoshi Tane developed a method based on extensive research aimed at uncovering the embedded memories of a place and integrating them into the creative process. Although his projects envision the future, they are built upon the reminiscences unearthed through this excavation process. He named this methodology Archaeology of the Future (2018). Similarly, this kind of "Janus gaze" also seems present in writing and creation, leading me to understand these phenomena through the concept of task/renunciation (an Aufgabe, echoing Benjamin). These ideas intersect significantly with strategies and movements drawn from Psychoanalysis, Translation Studies, and Architecture, alongside reflections stemming from the creative process itself, in which my novel *Vidva* also plays a central role. Based on this "excavation of the future", this study aims to discuss the accomplishment of a dual task: the creation of a novel and the theorization of this process. In order to do that, I draw on concepts such as Abreaction and Drive (Freud, 1985; 1915, respectively), Double Coding (Jencks, 1978), and Ab-use (Spivak, 2012), seeking to address the multifaceted complexity of writing and creation.

**Keywords:** Creation. Psychoanalysis. Novel.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

aCA	anterior ao Calendário Antropoceno
CA	Calendário Antropoceno
CORMIPE	Comitê de Relações Militares Permanentes e Extemporâneas
MIPNE	Missão de Paz da <i>Negara</i>
P&P	Princípios e Parâmetros
PLO	Proteção da Lei e da Ordem
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 (RE)ORIENTANDO UM DELÍRIO</b> .....	10
<b>2 VIDVA</b> .....	17
2.1 ATORES E NOMES .....	22
<b>3 O RIO SUBJACENTE</b> .....	26
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	32
<b>APÊNDICE A - BREVE GLOSSÁRIO SUAÍLE/SÂNSCRITO</b> .....	36
<b>APÊNDICE B - NOTAS EXPANDIDAS</b> .....	38
<b>APÊNDICE C - CONTOS</b> .....	57

## 1 (RE)ORIENTANDO UM DELÍRIO<sup>1</sup>

Em setembro de 2018 eu finalizava o pré-projeto da minha pesquisa de doutorado com o título, ainda tentativo, “A tarefa do romance: hibridação, e identidade na produção de uma ficção especulativa paleoantropológica”, para a então linha de pesquisa em “Estudos Literários aplicados”. Após cinco anos, uma pandemia mundial, tentativas de rompimento democrático no país e a perda do pai, vejo-me ainda às voltas com a mesma tarefa, agora dentro da linha de “Criação Literária” e já devidamente entendida nos termos de uma *Aufgabe*: também uma renúncia, conceito muito bem traduzido por Suzana Kampff Lages em sua leitura de Benjamin (2008).

O termo *Aufgabe* aparece no título do texto *Die Aufgabe des Übersetzers* (1923), prefácio às traduções de Benjamin dos *Tableaux Parisiens*, de Charles Baudelaire, e remete a noções como “dever”, “missão”, “tarefa”, “problema”, “devolução” e “restituição”. Benjamin (2008) problematiza, entre outros temas, a questão da origem, ou ainda, a relação de autonomia que o texto traduzido estabelece com o original. Se é verdade que há aqui uma tarefa – a de escrever um romance e, ao mesmo tempo, falar sobre esse processo –, há também uma certa incongruência temporal, uma impossibilidade, já que ao pensar no processo de escrita de um ponto de vista teórico ao mesmo tempo que elaboro o texto ficcional, acabo por tensionar esse suposto ponto de origem, revelando, sincronicamente, o processo e o produto: na tarefa de explicar a construção do romance já estaria subjacente a impossibilidade de fazê-lo.

Embora fruto da confluência de diferentes estímulos, julgo que a ideia inicial de escrever o romance nasceu quando da leitura de *Sapiens: uma breve história da humanidade* (2015), do historiador israelense Yuval Noah Harari. Ainda no primeiro capítulo do livro, o autor menciona, de maneira rápida e sem maiores digressões, a coexistência de diferentes espécies de homínidos há não mais que quarenta mil anos<sup>2</sup>, o que, por alguma razão, me fez pensar em possíveis obras que lidassem com essa temática.

Alguns autores e autoras já escreveram romances sobre homens e mulheres em eras ditas pré-históricas, como William Golding em *Os herdeiros* (1955), Jean Auel, na série de livros *Os*

---

<sup>1</sup> O material aqui coligido traz o processo de construção do romance: pesquisas, ideias e elucubrações sobre o trabalho de criação, podendo ser divididos em metaficcionais (teoria e processo) e intraficcionais, derivados do produto, ou seja, do próprio romance.

<sup>2</sup> É preciso entender que quarenta mil anos para uma espécie com trezentos mil anos (ou um gênero com pelo menos dois milhões de anos) é pouco tempo. Na verdade, há centenas de milhares de anos o *homo sapiens* ainda compartilhava a terra com outros homínidos (Gibbons, 2002), embora, por tão variadas quanto especulativas razões, tal cenário tenha mudado drasticamente nas últimas dezenas de milhares de anos.

*filhos da terra* (1980-2011), ou na trilogia *Hominids, Humans e Hybrids* (2003; 2010 e 2010, respectivamente), escrita por Robert J. Sawyer, mas tais obras abordam a temática de uma perspectiva que, a priori, me pareceu maniqueísta ou reducionista. É verdade que a década de 2010 (especialmente a partir da segunda metade, momento em que o pré-projeto foi pensado) assistiu a uma proliferação dos estudos e descobertas da paleoantropologia, fato que por si só já recontava a história da nossa espécie.

Além dos artigos citados ao longo deste texto, majoritariamente advindos de periódicos especializados em divulgação científica, como *Nature* ou *Science*, alguns outros exemplos desse crescente interesse podem ser vistos nos livros *Neandertal, nosso irmão: uma breve história do homem* (Condemi, 2018 [2016]), no qual a autora reconstrói a história da espécie *homo neanderthalensis*<sup>3</sup>, mergulhando na evolução humana e explorando a vida e o legado desses que seriam nossos parentes mais próximos extintos, ou ainda a obra *Assim caminhou a humanidade* (Neves<sup>4</sup>; Rangel; Murrieta, 2015) que traça um panorama didático e abrangente do caminho da nossa espécie, do surgimento da nossa condição bípede, passando pela Explosão Criativa do Paleolítico Superior, momento em que a espécie teria adquirido a capacidade de entender e comunicar simbolicamente o mundo, até o modo de vida que cultivamos hoje.

Portanto, o que propus à época foi a criação de uma obra pautada em discussões recentes, nos campos político, social e econômico (com especial ênfase no cenário latino-americano), enfatizando as (então) atuais descobertas e avanços que a paleoantropologia fizera, preenchendo as lacunas das evidências científicas com uma ficção que resultasse em um produto capaz de relativizar o resultado da pesquisa literária tradicional, dosando criticidade e fruição.

Há um outro divisor de águas nesse período inicial da elaboração do projeto: em algum momento do processo seletivo, recebi de uma amiga uma citação da autora norte-americana Ursula K. Le Guin (2004, p. [222]), até então desconhecida por mim: “People who deny the

---

<sup>3</sup> Uma das obras mais recentes acerca dos neandertais é o livro *Kindred: Neanderthal life, love, death and art*, da autora Rebecca Wragg Sykes (2020) que, com uma abordagem didática e robusta, traz o que há de mais recente nos estudos paleontológicos sobre a espécie.

<sup>4</sup> Parece-me oportuno mencionar aqui o didatismo e irreverência com que o professor Walter Neves conduz suas explicações acerca da evolução da nossa e de outras espécies. Há uma série de aulas ministradas por ele no YouTube, mas a série de vídeos “A saga da humanidade”, disponível no canal da Universidade de São Paulo (USP), me é especialmente cara, já que tais explicações me ajudaram, sobremaneira, a extrapolar o pensamento ficcional, de modo a poder entrelaçar o mundo da realidade objetiva, palpável e mensurável, com o universo do romance, “nunca real, mas sempre verdadeiro”. O primeiro vídeo da série está disponível no link: [https://www.youtube.com/watch?v=xT3oBWPYyI&list=PLAudUnJeNg4sUpVQaygeymsa8fVsZjkCb&ab\\_channel=CanalUSP](https://www.youtube.com/watch?v=xT3oBWPYyI&list=PLAudUnJeNg4sUpVQaygeymsa8fVsZjkCb&ab_channel=CanalUSP). Acesso em: 25 jun. 2023.

existence of dragons are often eaten by dragons. From within”<sup>5</sup>. Com a sensibilidade da poetisa e o olhar da antropóloga, as obras de Le Guin me foram fundamentais para entender e tentar problematizar, na minha própria criação, não apenas o aspecto dicotômico das coisas, mas também seu caráter dialógico. Para trazer à baila apenas três de suas obras que contribuem para o entendimento desse dialogismo (entre outras coisas que passaram a fazer parte do meu pensamento criativo e contribuíram, sobremaneira, para o desenvolvimento do meu romance até aqui), cito *A mão esquerda da escuridão* (2014 [1969]) e *Os despossuídos* (2019 [1974]), além de sua tradução<sup>6</sup> do *Tao te ching* (Lao-Tzu, 1998).

Em *A mão esquerda da escuridão* (2014 [1969]), o enredo se desenvolve em torno do protagonista Genly Ai, um enviado de uma aliança galáctica, o “Ekumen” (noção da qual falo mais a frente), que busca convencer o povo de Gethen a se juntar à comunidade interplanetária. Situado no planeta “Inverno”, como o protagonista nos apresenta, o livro nos mostra uma sociedade em que seus habitantes não têm gênero fixo e podem mudar de sexo durante certos períodos do ciclo reprodutivo, também conhecido como o “kemmer” e que corresponde ao ciclo fértil que os gethenianos experimentam mensalmente, durante o qual têm a capacidade de adotar a fisiologia feminina ou masculina, de acordo com sua escolha, com a possibilidade de alternância entre essas características a cada mês. Entretanto, em períodos não relacionados ao Kemmer, os gethenianos não apresentam distinção fisiológica baseada em gênero.

As obras de Le Guin abordam questões de identidade de gênero, sexualidade e política, desafiando concepções binárias e explorando as complexidades da condição humana. Outro notável exemplo dessa dinâmica é o livro *Os despossuídos* (2019 [1974]), que explora temas como anarquia, política e utopia. A história se passa em dois planetas, Anarres e Urras, que estão em franco contraste. Anarres é uma sociedade anarquista, onde os indivíduos vivem em (suposta) igualdade e buscam a cooperação mútua. Por outro lado, Urras é um planeta capitalista, onde a desigualdade social e o conflito prevalecem. O protagonista, Shevek, é um físico que questiona as estruturas sociais em ambos os planetas e, embora a crítica ao sistema capitalista seja óbvia, a narrativa também examina as possibilidades e dificuldades de uma sociedade baseada na cooperação e na ausência de hierarquia.

---

<sup>5</sup> Uma tradução possível para essa citação da autora é: “Aqueles que negam a existência de dragões são geralmente comidos por dragões. Por dentro”. Citações de obras cuja tradução não esteja disponível em língua portuguesa serão traduzidas por mim.

<sup>6</sup> A autora não chama seu trabalho de tradução no caso do *Tao te ching*, preferindo o termo *rendition*, que seria algo como uma versão, ou interpretação da obra.

Uma das questões centrais do livro passa pela invenção do Ansível<sup>7</sup>, um dispositivo capaz de estabelecer comunicação quase instantânea com qualquer outro ponto do universo. Embora tal aparelho seja criado por Shevek, habitante do planeta Anarres e, supostamente, alguém que não se importaria em dividir os benefícios trazidos por essa inovação, já no início do livro somos introduzidos a uma face nada gentil desse povo, que apedreja a tripulação da nave em que Shevek irá viajar para Urras. A ideia do físico é mostrar os avanços da física temporal para os habitantes de Urras, mas há imensa resistência com relação ao compartilhamento dessa tecnologia com o planeta capitalista.

Finalmente, em sua versão do *Tao Te Ching*, antigo texto filosófico chinês atribuído ao sábio Lao-Tzu (1998), Le Guin busca trazer uma nova abordagem para o escrito, oferecendo uma linguagem moderna e acessível numa tentativa de reverberar a essência poética e filosófica do texto original. Amplamente elogiada por transmitir a sabedoria atemporal do taoísmo, o ato da tradução desse texto parece-me ratificar a posição de Le Guin com relação ao dialogismo em suas obras.

Um dos pontos de partida para essa discussão no meu projeto foi a leitura de um trabalho, de 22 de agosto de 2018, na revista *Nature* no qual há um relato sobre o primeiro caso documentado de análise genômica de um fóssil híbrido entre duas espécies de homínidos: Neandertal e Denisovano (Slon *et al.*, 2018). À época, minha intenção era criar um romance que explorasse um cenário onde tanto a coexistência de outros humanos, quanto a presença de híbridos (Kuhlwilm *et al.*, 2016) em meio a indivíduos ditos “puros” criasse uma espécie de ficção especulativa paleontológica, apresentando e representando distintas e variadas relações (centro e margem, eu e outro, igualdade e diferença), dando foco também na tensão entre tempo, espaço e identidade, gerando, na própria obra, um lugar potente de discussão para tais questões. Meus argumentos iniciais eram de que: i) se pequenas diferenças entre indivíduos da nossa espécie foram utilizadas como argumento para negar a humanidade a grupos quase idênticos – infelizmente, em muitas ocasiões; ii) se diferenciações físicas, sociais e culturais, em maior ou menor grau, foram historicamente decisivas para que grupos inteiros fossem assimilados, estigmatizados, marginalizados ou exterminados; iii) se hoje, pequenas distinções fenotípicas já nos levam a tantos questionamentos e conflitos, como seria um mundo onde esses outros humanos ainda existissem, dividindo conosco os mesmos espaços, os mesmos recursos?

---

<sup>7</sup> Outras obras de ficção científica também lançaram mão dessa tecnologia criada por Le Guin. Além de outros livros da própria autora que mencionam o aparelho, o exemplo mais famoso talvez seja o uso que o autor Orson Scott Card faz do dispositivo em seu *Ender's game* (1985), outro clássico da literatura do gênero.

Para além das questões referentes à produção do romance, havia também a preocupação em como justificar tal trabalho dentro do espírito científico da academia. De fato, esse tipo de dinâmica (tese-ficção) existe há algum tempo no Brasil, haja vista a produção de trabalhos como *A Chave da Casa* (2007), de Tatiana Salem Levy, além do trabalho considerado como o caso pioneiro no país, *Variante Gotemburgo* (1977), de Esdras do Nascimento, livro no qual é possível se ler a seguinte informação:

Com este romance, acrescido de uma nota teórica para os interessados em aprofundar seus estudos literários, o escritor Esdras do Nascimento obteve o título de Doutor em Letras, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É a primeira vez no Brasil, e talvez no mundo, que isso ocorre, pois em geral as teses visando ao doutoramento se limitam ao campo teórico, tangenciando, quando muito, a área da criação. Graças à largueza de visão da banca examinadora, formada pelos professores Afrânio Coutinho, Eduardo Portella, Emmanuel Carneiro Leão, Bela Josef e Mário Camarinha da Silva, o romance-tese foi aprovado, dadas as suas implicações teóricas explícitas, abrindo novas perspectivas aos trabalhos literários que se vierem a fazer, ao nível de pós-graduação, no país (Nascimento, 1977, primeira orelha, grifo meu).

Ao mesmo tempo, penso que há algumas leituras que me ajudaram e enxergar de maneira mais nítida essa ideia da criação literária – num movimento que, tradicionalmente, é feito de fora da academia para dentro – *pari passu* com o desenvolvimento de um pensamento teórico/crítico acerca do fazer literário e, por que não, da própria obra em questão. A tarefa aqui seria, então, “refletir e criar”, de acordo com Carolina Bensimon Cabral (2008), na introdução de sua dissertação de mestrado que tem como base seu romance *Sinuca embaixo d’água* (2009), e que foi orientada por Luiz Antônio de Assis Brasil, professor criador de uma das mais conhecidas oficinas de escrita literária do Brasil.

Por sua vez, Tiago Novaes Lima, autor e professor de escrita criativa, em sua tese *Disciplina e dissipação na criação literária*, trabalho defendido no âmbito da psicologia (o autor era psicanalista à época), afirma que “por estar em processo, o escritor não reflete sobre o processo mas sobre a linguagem” (Lima, 2017, p. 18). Parece-me, portanto, que a criação literária, especialmente a partir desse enquadre em que me situo, toma a forma de uma *Aufgabe*, com toda a sua potencialidade.

Tanto o trabalho de Tiago Novaes Lima (2017), quanto o de Carolina Bensimon Cabral (2008) me são especialmente caros: enquanto a obra desta lida com uma ausência, ou melhor, com a reflexão acerca da definição de uma personagem ausente (romance e dissertação, prática e teoria), aquele, ao deixar o *setting* analítico rumo à literatura e ao constante diálogo com a criação literária, mostrou-me como os movimentos e os ritmos da vida e da arte podem confluir

para uma experiência transformadora. De fato, ausência e psicanálise também se tornaram uma questão fundamental para meu trabalho; logo, intento abordar essas questões em profundidade ao longo deste trabalho.

Com efeito, a intenção inicial do trabalho era produzir um romance em constante diálogo com a reflexão teórica (exigência acadêmica para a consecução do projeto), praticando-a in loco, articulada em uma prática e uma teoria internas: diluir a reflexão teórica dentro de uma narrativa sem descaracterizá-la seria, ao meu ver, um trabalho profícuo no sentido de estimular o leitor a reconhecê-la, compreendê-la e, ele próprio, construí-la de acordo com o que lhe vai sendo revelada por aquilo que Eco (2004, p. 34-35) chamou de “máquina preguiçosa que espera muita colaboração”.

Aqui, também, parecia-me importante reverberar Todorov (2009, p. 30, grifo meu), quando este pontuou que

Ao dar forma a um objeto, um acontecimento ou um caráter, o escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la; em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo. Lançando mão do uso evocativo das palavras, do recurso às histórias, aos exemplos e aos casos singulares, a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial.

Ao afirmar isso, o crítico literário franco-búlgaro reflete acerca da separação entre os estudos literários e a literatura *per se*, notando a perda dos ensinamentos que o pensamento sobre a literatura poderia trazer para o mundo e ponderando sobre as obras dos Estudos Literários que, em seu desenvolvimento atual, parecem se dirigir quase que exclusivamente aos outros especialistas em literatura, ao passo que o romance – para citar apenas um dos muitos gêneros – é compreendido e consumido por um público significativamente maior, seja pela sua capacidade de proporcionar fruição, seja por sua difusão em massa.

Por sua vez, Eco (2003, p. 218, grifo meu) afirmou que

nem mesmo o mais ingênuo dos leitores pode passar através das malhas do texto sem ser tomado pela suspeita de que por vezes (ou frequentemente) ele remete para fora de si. Donde se vê que a ironia intertextual não só não é *conventio ad excludendum*<sup>8</sup>, mas é provocação e convite à inclusão, tal que pode transformar, pouco a pouco, mesmo o leitor ingênuo em um leitor que começa a perceber o perfume de tantos outros textos que precederam aquele que está lendo.

---

<sup>8</sup> Isto é, sem engendrar hermetismos que privem a interlocução entre o acadêmico e o não-acadêmico.

Logo, acredito que, para além da intertextualidade, um trabalho que privilegie a fusão de dois (ou mais) tipos de código em um discurso pela via da ironia intertextual configuraria não só uma estratégia provocativa, mas também um projeto estético, dialogando com o leitor, transformando-o, pouco a pouco.

Talvez aqui valha lembrar que, Spivak, em seu *An aesthetic education in the era of globalization*, entende o conceito de “Educação Estética” como um tipo de “treinamento imaginativo para performance epistemológica” (Spivak, 2014, recurso *online*)<sup>9</sup>. Em larga medida, esse livro pode ser lido como uma espécie de manual para o desenvolvimento de uma “Performance epistemológica”, o que acho pertinente quando falamos de Criação Literária e dos desdobramentos que a reflexão sobre essa engendram. Apresentada a mim ainda no meio da graduação (falo aqui de meados de 2010), a obra de Spivak acompanhou boa parte da minha jornada acadêmica, aparecendo tanto na minha monografia do Bacharelado em Tradução, quanto em minha dissertação de mestrado (2012 e 2015, respectivamente); retomei o contato com a autora em 2021, ao cursar a disciplina “Estudos Culturais e Literatura”, oferecida ainda na modalidade de Ensino Remoto Emergencial por conta da pandemia do Coronavírus, e essa leitura, recebida por alguém já mais maduro, me fez enxergar pontos de convergência entre o pensamento que eu desenvolvera até ali.

---

<sup>9</sup> Spivak detalha esse e outros aspectos de sua obra em um workshop de 2014, na University of KwaZulu-Natal – Teaching & Learning Office (UTLO), disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=iMTzutBH5eM&t=2011s&ab\\_channel=Teaching%26LearningTVbyUTLO](https://www.youtube.com/watch?v=iMTzutBH5eM&t=2011s&ab_channel=Teaching%26LearningTVbyUTLO). Acesso em: 20 mar. 2023

## 2 VIDVA

O mundo de meu romance, *Vidva*, é exatamente como o nosso. Em termos de regras físicas e biológicas, tudo acontece como aconteceria na nossa realidade. Entretanto, há um detalhe que, em larga medida, matiza essa história em particular: há outras espécies humanas presentes na narrativa. Planeta, continentes, relevo e natureza são idênticas ao que conhecemos, mas a ação desses (outros) humanos vai tornar o enredo incomum.

Inicialmente, dividi os continentes em números: *Sunya*, *Ekam*, *Dve* e *Treeni*; zero, um, dois e três, representando África, Europa, Ásia e América, respectivamente. A possível explicação para essa nomenclatura seria o padrão de dispersão das espécies, principalmente do *homo sapiens*, que deixa o continente africano rumo à Europa, depois para a Ásia e, finalmente, chega ao continente americano. Especificamente no enredo do romance, a ação acontece toda no continente *Sunya*, portanto, as paisagens descritas são todas do continente africano. Usei como base a região do Quênia e da Tanzânia como cenário principal onde a ação se desenvolve.

*Agra* é Nairobi e *Bab'el* é Mombaça, ambas no Quênia. A Montanha Branca (Kilimanjaro) e a *Gen* chefiada pela personagem Úrsula são localizados na Tanzânia. A história tem uma estrutura circular no que diz respeito às locações, de maneira que tudo começa e termina em *Agra*. Enquanto desenvolvia a narrativa, principalmente as partes externas às cidades, mantive o mapa do continente africano aberto, consultando-o principalmente para criar os contrastes entre as regiões desérticas e aquelas em que a vegetação é farta.

Aqui vale uma pequena digressão: quando comecei a pensar na forma e no conteúdo do romance, o gênero “ficção científica” pareceu-me apropriado para uma possível classificação daquilo que estava por vir. Assim, tentei ler tantos clássicos do gênero quanto me fosse possível. Dentre os vários que conhecia (ou li ao longo desse processo), lembrei-me daquele que é um dos pioneiros do gênero: *Frankenstein*, de Mary Shelley (2017 [1831]). Na introdução à edição de 1831 de seu *Prometeu moderno*, a autora escreve que “inventar, deve-se admitir humildemente, não consiste em criar algo do nada, mas sim do caos” (Shelley, 2017 [1831], p. 27, grifo meu). A palavra grega Caos (Χάος) está etimologicamente ligada a ideia de *Chasma*, “personificação do vazio primordial, anterior à criação e ao estabelecimento da ordem” (Brandão, 1991, p. 182).

Ora, *Agra*<sup>10</sup> significa “início”, “origem” em Sânscrito. Para além do sentido corrente que a palavra “caos” assume, *Agra* é o marco zero da minha história, espaço necessário para o

---

<sup>10</sup> Inicialmente, os capítulos do romance tinham nome, escolha modificada com o passar do tempo.

desenvolver de tudo aquilo que será apresentado naquele mundo. Chamo atenção também para o primeiro parágrafo do capítulo, que diz que uma “cumulonimbus” se aproxima da cidade. Além de servir como ambientação (as nuvens cumulonimbus são frequentes, por exemplo, no verão brasileiro, ou regiões de clima tropical, onde se tem uma chuva forte, pesada, porém passageira), intento dialogar aqui com o “estado pré-cósmico” das coisas. A água é símbolo “do amorfo e do virtual, de tudo que ainda não tem uma ‘forma’” (Eliade, 1992, p. 29). Como em uma reencenação da cosmogonia, aqui também a água precede a sequência de eventos que darão forma à história que será contada – o final do primeiro capítulo também precisa da água da chuva, já que ali cito uma espécie de “guerra invisível”, sinalizada pela liberação da geosmina.

A criação dos nomes em *Vidva* parte de uma coesão linguística baseada em dois grandes grupos lexicais: sânscrito e suaíle<sup>11</sup>. Enquanto este é um dos idiomas mais falados no continente africano (da África subsaariana), aquele é um dos idiomas mais antigos, o que me parece justificar sua presença em uma narrativa onde a história recontada parte, estruturalmente, de uma dicotomia: a criação da *Negara* e da *Desa*, que não seriam necessariamente lugares, mas antes, uma classificação daquilo que estaria “dentro” – cidades muradas, áreas urbanizadas, Estados-nação satisfatoriamente bem definidos – e um “fora” – áreas em que urbanização fosse ausente, os desertos, as tribos as matas.

A ideia da utilização desses nomes dentro de meu romance se deu quando li a interpretação que Clifford Geertz (1989) faz acerca da teatralidade do estado balinês e da dimensão simbólica do poder. *Negara*, palavra que vem do sânscrito e significa “cidade”, “palácio”, “capital”, “Estado”, “reino” e “civilização”, designaria o que chamamos de Centro, uma instituição, complexa e consolidada como referência, incorporando e contendo todos os conceitos supracitados. O seu contrário seria a *Desa*, que pode ser entendida como a antípoda da *Negara*, uma miríade de pontos que não possuem uma estrutura fixa, embora possuam algum tipo de organização e coerência. Ainda do ponto de vista linguístico, é importante apontar para o fato de que a separação entre *Negara* e *Desa* também pode ser percebida pela via da nomenclatura: o sânscrito nomeia a realidade dos sedentários, ao passo que o suaíle nomeia o mundo dos nômades.

O romance é dividido em três partes, sendo que as duas primeiras mostram ao leitor essa distinção: há uma sociedade estabelecida em regiões muradas, com perímetros bem definidos, ruas, avenidas, prédios e casas, sistemas políticos e religiosos mais ou menos bem fixados, isto

---

<sup>11</sup> Nos apêndices do texto inseri, ainda que de maneira temporária, um glossário com diversos outros termos em sânscrito e/ou suaíle que aparecem ao longo do romance.

é, tudo aquilo que nos faz reconhecer uma sociedade sedentária. Por outro lado, há povos que vagam, que se adaptaram à vida nômade, para quem a cosmovisão sedentária parece não fazer sentido.

Aqui há uma inspiração nos estudos do antropólogo Kroeber (1952), pai da escritora Ursula K. Le Guin (o “K.” é Kroeber abreviado), e seu interesse pela ideia de ecúmeno, conceito pelo qual seria possível explicar a relação entre uma cultura em particular e sua concepção de mundo, isto é, encarar o mundo a partir de um ponto de vista poderia determinar não só uma unidade geográfica dentro de limites dados, reconhecíveis (os quais, por certo, estão sujeitos a modificações, contrações ou até mesmo apagamentos), mas toda uma coerência cultural e de ideias. Desse modo, a *Negara* seria esse ecúmeno, o ‘habitado’, correspondendo a essa grande unidade histórica, num enquadre dentro do qual uma combinação particular de processos aconteceu para alcançar resultados únicos.

Embora os personagens nesse palco sejam humanos, é preciso deixar claro que a ideia do romance (uma das questões centrais, me parece) é enfatizar a diferença entre as espécies de humanos. Como mencionado na primeira parte do texto, creio que o gérmen aparece quando começo a me interessar pelos estudos da paleoantropologia e percebo que há poucas obras que exploram, do ponto de vista ficcional, tal tema. Logo, começo a pensar em como seria o nosso mundo caso esses humanos coexistissem conosco.

Se a imaginação de um espaço inalcançável pode ser chamada de utopia, o que escrevo talvez possa ser caracterizado como ucronia: há a questão das espécies que coexistem em um mesmo espaço, ou seja, outras espécies do gênero *homo* teriam evoluído e sobrevivido até os dias atuais. Além disso, já no início do romance o leitor é apresentado a um novo tipo de calendário, o que estou chamando de Calendário Antropoceno.

Em 1993, em uma carta publicada na revista *Nature*, o cientista Cesare Emiliani fez uma proposta de reforma no nosso atual calendário (conhecido como calendário gregoriano). Com os nomes de “Calendário Cósmico” ou “Calendário Holoceno<sup>12</sup>”, a proposta de Emiliani (1993) baseia-se em uma abordagem científica, levando em consideração eventos astronômicos e geológicos para a medição do tempo. Deixando de lado os aspectos demasiadamente técnicos da proposta, a parte mais interessante de tal abordagem me pareceu uma nova contagem do tempo, chamada de “Era Holocênica”, que começaria no início do Holoceno, aproximadamente 10.000-12.000 anos atrás, marcando o início da era geológica atual. Dessa forma, o calendário

---

<sup>12</sup> O site <https://www.easytimeline.org/> disponibiliza uma visualização bastante lúdica de alguns dos principais eventos da “Era Humana” sob a ótica do calendário Holoceno.

seria baseado em eventos significativos da história humana e geológica, em vez de datas arbitrárias, ou ainda, como apontado pelo próprio Emiliani (1993, p. 716), no fato de que “o nascimento de Cristo [que aconteceria no ano 10.000 desse novo calendário] não tem significado para muitas civilizações”.

Sendo assim, o que imaginei foi a aplicação desse modelo de calendário, mas associando ao nome do tão debatido Antropoceno, termo utilizado para descrever justamente uma nova era geológica, que seria caracterizada pelo impacto significativo das atividades humanas na Terra. Em linhas gerais, por Antropoceno entende-se que os seres humanos se tornaram a principal força motriz por trás das mudanças ambientais globais e que essas alterações têm sido tão significativas que merecem ser reconhecidas como uma nova fase da história geológica do planeta. Em suma, a ideia é que as ações humanas, como a industrialização, urbanização, aumento populacional, mudanças nos padrões de consumo, desmatamento, poluição e alterações climáticas, tenham causado um impacto profundo nos sistemas naturais da Terra<sup>13</sup>.

No que diz respeito à multiplicidade de espécies coabitando esse cenário, imaginei uma linha temporal com eventos um tanto quanto distintos, adequando algumas nomenclaturas com o intuito de dar certa coerência linguística ao mundo. Portanto, os nomes das espécies de humanos que habitaram nosso mundo, como neandertais e denisovanos, foram mudados para os termos em sânscrito *Samhata*, que significa “aquele que tem braços fortes” e *Adribhu*, que seria “nascidos nas montanhas”, respectivamente. Há algumas exceções como o termo *Halus*, que significa “pequeno e delicado” em malaio, para designar os floresienses, e que na narrativa está sendo utilizado na língua do lugar em que, teoricamente, a espécie teria se desenvolvido no mundo real (Indonésia), o que me fez pensar em manter tal coincidência, apontando, talvez, para o fato de que eles foram encontrados/contactados tardiamente pelas outras espécies.

Ademais, pensei em nomear a espécie *sapiens* de *Saggrakatha*, uma mistura dos vocábulos em sânscrito *saggrahaka*, que significa “coletor”, com a palavra *katha*, que quer dizer “fábula”. Portanto, o *homo sapiens* seria a espécie coletora de fábulas; de caçadores-coletores, antes da sedentarização, nos tornamos narradores-coletores/caçadores-narradores. Aqui, acredito estar apontando para minha própria percepção acerca do poder (ubíquo?) da ficção, que é talvez a tese principal elencada por Harari (2015) em seu *Sapiens*, mas que aparece em diversos outros autores, desde a ênfase que a paleoantropologia dá ao surgimento do

---

<sup>13</sup> Aqui vale mencionar algumas obras que lidam de maneira didática e abrangente com o tema. Os artigos *Defining the Anthropocene* (Lewis; Maslin, 2015), *The Anthropocene* (Zalasiewicz; Williams, 2020) e o livro *O Antropoceno e a ciência do sistema Terra* de José Eli da Veiga (2019) são leituras essenciais para o entendimento da discussão.

pensamento simbólico com a Explosão Criativa do Paleolítico Superior até as narrativas borgianas que lidam com a amálgama entre realidade e ficção.

Finalmente, parece-me importante elencar a questão da estrutura do romance, ou seja, como pensei nas divisões entre capítulos e partes. Há uma história, razoavelmente linear, que acompanha o grupo principal. Há, também, notas de rodapé (anteriormente capítulos que entremeavam a narrativa principal) que estou chamando de “Enciclopédia do pensamento Antropopunk”: se o *Cyberpunk* imaginou um mundo onde os humanos lidariam com a precária e pernicioso interação homem-máquina, o Antropopunk propõe imaginar uma ucronia na qual a interação de uma multiplicidade de fatores como tecnologia, religião, cultura e natureza, além da coexistência de humanos de espécies distintas, ganha relevo. A ideia de uma enciclopédia que ajudasse a explicar esse mundo me vem de dois autores que utilizaram de maneira brilhante esse tipo de recurso.

A primeira e já citada, Ursula K. Le Guin, utiliza os relatórios de seus protagonistas (muitos vão a planetas distantes como enviados do *Ekumen* e precisam reportar seus achados acerca das civilizações lá encontradas) como uma espécie de diário a partir do qual o leitor pode acompanhar as impressões de um estranho ao chegar numa terra desconhecida. Já em seu primeiro romance, *Rocannon's world* (Le Guin, 1966), podemos perceber como a alteridade se avoluma na narrativa, principalmente pela ótica do protagonista, Rocannon, que chega em um planeta desconhecido e ali precisa enfrentar uma série de desafios – o Outro talvez seja o maior desafio, afinal.

O segundo autor a conformar essa ideia é o profícuo Isaac Asimov (2020a [1951]; 2020b [1952]; 2020c [1953]), com sua série de livros chamada de *Fundação*<sup>14</sup>. O enredo gira em torno de uma instituição criada por um cientista, que desenvolveu uma disciplina chamada de psico-história, segundo a qual seria possível prever o comportamento em massa de grandes populações. A história começa com a queda de um Império Galáctico, uma enorme civilização que governou a galáxia por milênios. Hari Seldon, o criador da psico-história, prevê que a queda de tal império resultará em um período de trinta mil anos de caos e barbárie. Com o intuito de abreviar essa era das trevas (embora inevitável, esse período poderia ser reduzido para mil anos), ele cria a Fundação, um grupo de cientistas e intelectuais, com o objetivo de preservar o conhecimento e acelerar o surgimento de uma nova era. Uma das maneiras para se preservar esse conhecimento seria uma Enciclopédia Galáctica, o acúmulo de todo o conhecimento

---

<sup>14</sup> Embora existam pelo menos sete romances, aqui me refiro principalmente à primeira trilogia, composta por *Fundação* (1951), *Fundação e Império* (1952) e *Segunda Fundação* (1953).

produzido pela humanidade e estaria disponível para que as civilizações pós-queda pudessem utilizá-la.

Portanto, a proposta das notas é a criação de um espaço para comentários metaficcionalis, com o intuito de ampliar o conhecimento do leitor sobre esse mundo, sobre essa nova linha temporal. Tais fragmentos devem funcionar enquanto breves “devaneios” em meio à longa narrativa, num “estado no qual não há nem concessão nem resistência, no qual nenhuma força luta contra forças” (Rancièrè, 2010, p. 85), de maneira que seja possível esboçar ali comentários, explicações e especulações sobre o mundo intra-ficcional.

## 2.1 ATORES E NOMES

Passo agora a uma espécie de índice onomástico do romance, ao longo do qual é possível perceber uma ampla variedade de personagens que desempenham papéis significativos. No entanto, é importante ressaltar o grupo de personagens que orbita o protagonista, pois não apenas ocupam papéis centrais no desenrolar da história, como também possuem um significado profundo em relação à trama. Antes, porém, parece-me fundamental falar um pouco do nome do próprio romance.

Diversas ideias de nome para o romance cruzaram minha mente, entretanto, talvez valha a pena mencionar aqui o uso de: *Vidva* e *Intronautas*. “Vocês dois”, em esloveno, conheci o termo *vidva* em uma das várias leituras acerca dos diferentes níveis de dificuldade que termos relativamente simples podem trazer ao tradutor. Pareceu-me, à época, interessante explorar as possibilidades que o termo traria para as discussões sobre o romance, já que o protagonista, por ser híbrido, encarna uma série de questões caras às discussões acerca da ideia de identidade, indivíduo etc.

Por sua vez, o nome *Intronautas*<sup>15</sup> vem da confluência de ideias, audições e leituras, começando pela clara alusão à banda *Intronaut*, cuja música ocupou boa parte das coisas que ouvi ao longo dos anos de 2020 e 2021. Além disso, acredito que minhas leituras acerca da ciência dos sonhos e da psicodelia tenham influenciado, sobremaneira, nessa escolha de nomes. Para mencionar aqui apenas algumas dessas leituras, cito *As portas da percepção* (2015 [1954]) e *Moksha* (2022), de Aldous Huxley; *O oráculo da noite* (2019), do professor e neurocientista

---

<sup>15</sup> Até a qualificação eu havia escolhido o nome *Intronautas* para o romance. Entretanto, após sugestão da banca e ponderação acabei por deixar o pronome esloveno *Vidva*.

Sidarta Ribeiro e *Psiconautas* (2021), do jornalista Marcelo Leite. Passemos agora aos que conduzem (e são conduzidos por) essa jornada.

Al’dradek, híbrido<sup>16</sup>, meio *samhata*, meio *saggrakatha* (neandertal e *sapiens*), foi um dos primeiros nomes que surgiu quando pensei nos personagens. Pelo menos num primeiro momento, confesso que a inclinação para tal escolha me foi puramente sonora, a partir do “Odradek”, presente no conto *A preocupação do pai de família*, de Kafka (1999). Claro, algo para além do som me chamou atenção para tal nome, como a impossibilidade de sua tradução. O prefixo ‘Al-’, pode ser entendido aqui como o pronome usado no árabe, que equivale ao *the*, do inglês, e pode ser traduzido “o, a, os, as”. É como se, de alguma forma, o nome significasse a introdução de um indivíduo, mas essa pretensa indivisibilidade<sup>17</sup>, nominal e identitária, é logo desconstruída, já que não há tradução para o restante do nome.

Reunidos por uma série de tragédias, os personagens Irina (nome que remete a ideia de paz/pacificação, em línguas como o grego ou o russo) e Fubi (“fupi” significa “curto”, em suaíle) são os próximos que se revelam na narrativa. Irina é uma ex-militar que, por conta de não ter mais o apoio do Estado (seu vínculo com o exército da *Negara* é interrompido por conta de seu envolvimento com outro militar durante uma missão, a morte desse companheiro, uma gravidez inesperada e um aborto), se vê obrigada a utilizar aquilo que aprendeu nas forças armadas para a própria sobrevivência.

De maneira similar, a história de Fubi passa por eventos acontecidos durante uma guerra, a mesma em que Irina está. Na verdade, não há guerra, mas uma tentativa de “pacificação” de uma população que, ao se ver oprimida pela *Negara*, se revolta e tenta se livrar dos abusos e arbitrariedades de um Estado tirânico. Fubi é um personagem que não fala, embora tenha capacidades físicas para tal. Um evento traumático é o gatilho para sua mudez, algo que deixa a interação entre ele e Irina um tanto quanto singular.

---

<sup>16</sup> A questão do hibridismo, mestiçagem ou outro termo que o valha é bastante explorada pelos intelectuais do chamado Pós-colonialismo. É verdade que histórias envolvendo conflitos identitários não são novidade no mundo literário, basta ver, como um exemplo bastante específico, a produção de autores africanos a partir da segunda metade do século passado. Poderia citar aqui Chinua Achebe ou Wole Soyinka, como expressões notáveis do mundo anglófono, por exemplo, mas sinto-me mais confortável para citar o queniano Ngugi wa Thiong’o (2012; 2015), cuja obra explorei em trabalhos como a monografia *A essência contingente e plural da tradução na obra de Ngugi wa Thiong’o* e a dissertação de mestrado *A (re)escritura e a diferença: estratégias de descolonização na obra de Ngugi wa Thiong’o*, nos quais explorei, pela ótica dos Estudos da Tradução, da Teoria Literária e dos Estudos Culturais, uma série de questões que voltam, em larga medida, em alguns dos temas tratados no romance.

<sup>17</sup> A percepção indivíduo/in-divisus é manifestada por Eliana Lourenço de Lima Reis (1999), em seu livro *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*.

Originalmente, o romance teria mais dois capítulos contando a história dos dois personagens<sup>18</sup>. Entretanto, como tais narrativas destoavam da dinâmica das partes dois e três (Fubi e Irina não retornam à ação *de facto*), resolvi retirá-los da versão final, embora seja possível lê-los ao final do presente texto (Apêndice B). É importante salientar aqui que esses dois capítulos parecem funcionar bem como contos, o que pode indicar seu posterior uso, seja no desenvolvimento de outra(s) narrativa(s) longa(s), seja como contos sobre o universo do romance.

L'ayla é a última do núcleo principal a aparecer. Há uma alusão bastante direta ao nome Ayla, protagonista do romance *Ayla, a filha das cavernas* (Auel, 1993 [1980]) em que a personagem principal, uma representante do que se convencionou chamar de cro-magnon<sup>19</sup>, é resgatada por um grupo composto pelos últimos neandertais. Embora os apóstrofes apareçam em diversos nomes ao longo do romance e tenham, de maneira geral, um efeito apenas estilístico, aqui como em alguns outros nomes (Al'dradek é o outro exemplo mais próximo) a separação serve a um propósito específico: a personagem em questão passa a maior parte da narrativa omitindo informações do grupo. Na verdade, uma das questões por trás da personagem é exatamente essa: sua principal estratégia de sobrevivência é a mentira. Portanto, penso que consegui aliar aqui uma pequena homenagem a um romance que trata de um tema que também procuro desenvolver, ao mesmo tempo em que se lermos o nome da personagem exatamente como se escreve, "l'ay", sonoramente temos uma semelhança com a palavra *lie*, que em inglês quer dizer "mentira".

Há outros personagens importantes fora do núcleo de Al'dradek. Úrsula, que nasceu e cresceu na *Negara*, vai ser uma espécie de guia para o grupo, principalmente para Al'dradek e L'ayla na sua experiência de psiconavegação. Ela é mãe de *Shauri*, que significa "mentor", em suaíle. Esse outro híbrido (na narrativa é o único outro híbrido, além de Al'dradek, com quem o grupo trava algum tipo de relação) vai guiar Al'dradek e L'ayla até a chegada na *Gen* e, num momento posterior, vai guiá-los, utilizando conselhos místicos, para o desfecho da narrativa.

Por último, mas de modo algum menos importantes, há Leona e Amüd. Leona foi a matriarca da *Gen*, quem ensinou muito do que Úrsula sabe sobre a vida na *Desa*. Úrsula,

---

<sup>18</sup> "Filhos da guerra" e "Menores e diminutos", contando a história de Irina e Fubi, respectivamente. Interessante notar que tanto "menor" quanto "diminuto" são definições para acordes musicais e, enquanto um acorde menor é, em geral, considerado um acorde com efeito triste, melancólico, o resultado de um acorde diminuto é uma espécie de indefinição, como se algo ainda estivesse por acontecer, isto é, o acorde diminuto parece não resolver a tensão criada pela progressão harmônica.

<sup>19</sup> Embora bastante curto e introdutório, um bom texto para se entender a história por trás do nome Cro-Magnon e as implicações dos achados pode ser encontrado no editorial chamado "Knowing ourselves", da revista *Nature*, disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41559-018-0675-3>.

antropóloga e uma das idealizadoras da Enciclopédia Antropopunk, decide abandonar a vida na *Negara* e passa a viver na *Gen* de Leona, onde cria também seu filho *Shauri*, quem supostamente continuará a tradição da tribo.

Já Amüd é a mãe de Al'dradek, com quem Od'raditi se relaciona em um momento de sua vida quando ainda fazia pesquisas de campo. Ela deixa a *Gen* de sua mãe para viver com Od'raditi na *Negara*, mas logo compreende que não conseguirá viver naquela realidade, tão distinta de onde veio. Ademais, ela se percebe cada vez mais solitária, primeiro grávida e depois com o recém-nascido Al'dradek, além de poder contar cada vez menos com a presença de Od'raditi, que ao se destacar na Cosmo e ganhar relevância como nome na ciência, acaba por negligenciar sua família. As causas da morte de Amüd não ficam plenamente colocadas na narrativa, mas há uma suspeita de que ela tenha morrido em decorrência de uma imensa tristeza por conta de sua situação. Para a composição do nome Amüd, utilizei duas referências: uma sonora (assim como no nome de L'ayla) e outra referencial. O som de “ü”, no alemão (*unlaut*, literalmente, “trema”), requer que a produção do fonema seja articulada como o “i” do português. Se pensarmos, então, na possibilidade de ler o nome Amüd como “amid”, que no inglês significa “entre”, temos uma interessante perspectiva. Além do aspecto sonoro, *Amud 1*<sup>20</sup> também é o nome de um fóssil de neandertal (a personagem é uma *samhata*) encontrado em Israel em 1961.

---

<sup>20</sup> Uma descrição bastante completa do fóssil pode ser encontrada no link: <https://humanorigins.si.edu/evidence/human-fossils/fossils/amud>.

### 3 O RIO SUBJACENTE

Tsuyoshi Tane, arquiteto japonês, desenvolve um método que conta com uma intensa pesquisa destinada a escavar as memórias embutidas em um lugar e integrá-las ao processo criativo. Embora seus projetos visem o futuro, é a partir das reminiscências encontradas nesse processo de escavação que suas obras são erigidas. Ele chamou essa metodologia de “Arqueologia do Futuro”<sup>21</sup>.

Através de algumas observações e pressupostos teóricos dos Estudos Literários (incluindo aqui a Criação Literária), da Psicanálise e dos Estudos da Tradução, tento dar forma a uma espécie de método que, em larga medida, se aproxima do movimento proposto pelo arquiteto japonês. Dentre os vários conceitos que conformam essa ideia, alguns estão elencados por Spivak (2012) em seu *An aesthetic education in the era of globalization*. Ao longo dessa obra, a autora indiana desenvolve diversos conceitos que se encaixam nesse arcabouço teórico que tento elaborar, como as noções de ab-uso, *double-bind* e sua apropriação do conceito de *Spieltrieb*, de Schiller (2016).

O conceito de “ab-uso”, proposto por Spivak (2012), é uma palavra forjada a partir da desarticulação do prefixo latino original “-ab”, que sugere “afastar-se”, “mais do que abaixo”, colocando-o adjacente a “uso”, de modo que uma nova palavra é cunhada: “ab-uso”. Parece-me, pois, que aqui podemos pressupor não só a ideia de um “uso outro”, mas um tipo de emprego que considere um afastamento do objeto, distanciamento que pode, ou não, envolver percepções como tempo, espaço, ou ainda, profundidade. Ao longo de seu livro, Spivak (2012) vai deixando claro que, de alguma maneira, sua ideia de “ab-uso” se aproxima da “profanação” proposta por Giorgio Agamben (2007): para o pensador italiano, profanar um dispositivo (há aqui uma releitura de Foucault) significa restituí-lo ao uso comum.

Além disso, Spivak (2012) lança mão da ideia de *double-bind* a partir da noção elencada pelo antropólogo Gregory Bateson (1972) em seu *Steps to an ecology of mind*. Se um *double-bind* é originalmente descrito como um dilema irreconciliável em que uma pessoa recebe mensagens contraditórias com respostas insolúveis, Spivak (2012), ao ab-usar o *double-bind*

---

<sup>21</sup> As ideias do arquiteto foram objeto de uma exposição, em 2019, na Japan House São Paulo. É possível ter uma noção superficial de suas ideias no canal do museu, no YouTube, no link: [https://www.youtube.com/watch?v=nCjM9x5r\\_oI&t=175s&ab\\_channel=JapanHouseS%C3%A3oPaulo](https://www.youtube.com/watch?v=nCjM9x5r_oI&t=175s&ab_channel=JapanHouseS%C3%A3oPaulo).

Há, ainda, uma recente conferência na qual o arquiteto expõe, de maneira mais detalhada, sua metodologia-manifesto, no link: [https://www.youtube.com/watch?v=di8wAK2YS4&ab\\_channel=StockholmsArkitektf%C3%B6rening%2FTheStockholmAssociationofArchitects](https://www.youtube.com/watch?v=di8wAK2YS4&ab_channel=StockholmsArkitektf%C3%B6rening%2FTheStockholmAssociationofArchitects).

para conceber sua educação estética, utiliza o termo para significar “aprender a viver com instruções contraditórias” (Spivak, 2012, p. 3). Nos hábitos gerais de nosso pensamento, estamos continuamente presos nesse *double-bind*, presente na dicotomia e na dualidade de visões e pensamentos que constantemente perpetuam e moldam nossa mentalidade.

Extrapolando o pensamento de Spivak (2012) (ou trazendo esse aparato teórico para o universo da criação), parece-me, pois, que o *double-bind* se aproxima da ideia de *Aufgabe*, uma vez que o termo em alemão já encerra em si mesmo uma espécie de paradoxo: é uma tarefa, mas também uma renúncia. Para continuar no idioma de Freud e de Schiller, Spivak (2012) menciona o conceito de *Spieltrieb*, ou *play-drive*, originalmente desenvolvido por Schiller (2016), nas suas *Cartas Sobre a Educação Estética da Humanidade*. É interessante notar que essa palavra é a junção de *spiel* (que quer dizer, em alemão, jogo, jogos, jogar) e *trieb*, que significa, entre outras coisas, impulso, instinto (ou acionar, impelir, enquanto verbo) e que mais de cem anos depois seria utilizado por Sigmund Freud como um conceito (muitos psicanalistas e estudiosos da psicanálise afirmam que é o conceito central) da psicanálise, traduzido<sup>22</sup> para o português como “pulsão” (Freud, 2021 [1915]).

Ao falar sobre esse *play-drive* em sua obra, Spivak (2012, p. 11) propõe que é necessário fazer uma “sabotagem positiva”, isto é, um *ab-uso* do conceito de Schiller (2016). É interessante apontar, ainda, como Spivak (2012) se vale de duas outras maneiras de abordagem acerca do pensamento de Schiller (2016) e do conceito de estética. Para a autora, o que ela faz com os conceitos do pensador alemão é uma espécie de reterritorialização, ao passo que sua perspectiva a respeito da estética seria uma espécie de “desconstrução produtiva [*productively undoing*]” (Spivak, 2012, p. 1, tradução minha). Não por acaso, o que me interessa aqui é como essa divisão e desconstrução, essa decomposição e sua posterior junção de conceitos pode produzir uma nova maneira de se entender o processo criativo.

Ao iniciar a leitura de *Os chistes e a sua relação com o inconsciente* (Freud, 1996 [1905]), esbarro com uma análise da ideia de chiste, que seria uma espécie de “juízo lúdico” acerca de alguma coisa. Se deixarmos a discussão do aspecto cômico que envolve os chistes ao longo da obra (aspecto importante, de fato, mas que me parece deslocar o verdadeiro

---

<sup>22</sup> Os problemas relacionados à tradução de termos da psicanálise são bastante complexos, pois tocam não só em questões técnicas e linguísticas, mas também na tradição estabelecida pela clínica e pelos estudos psicanalíticos no Brasil. O tradutor Paulo César de Souza, por exemplo, escolheu traduzir *trieb* por ‘instinto’ em seu projeto tradutório das obras completas de Freud pela Companhia das Letras. Recentemente, a editora Autêntica tem lançado uma série de textos de Freud retraduzidos (ou inéditos em tradução direta do alemão), que contam com qualificada fortuna crítica inserida em prólogos ou artigos ali coligidos. Por achar que o trabalho feito por essa última editora atende melhor aos objetivos de meu trabalho, escolhi utiliza-los aqui, sempre que possível.

mecanismo subjacente aos chistes), talvez a ideia de "lúdico" seja exatamente o que me falta para pensar o *spiel* do *Spieltrieb* schilleriano, o que, porém, só resolve metade do conceito e ainda está vago, o que me obriga a retomar, em breve, esse pensamento. O que me parece fundamental nesse ponto, ou ainda, o que me faz achar válido insistir nessa proposição, é que a ideia de “Chiste” está, em alguma medida, ligada à ideia presente no vocábulo alemão *wit*, que vai nos dar também a noção de “engenho”, no sentido de capacidade criativa, genialidade, em língua portuguesa. Assim, pois, temos uma primeira abordagem de *spiel* e estabelecemos nosso entendimento desse termo amparados nos conceitos freudianos. Antes de entrar na segunda parte do conceito – no *trieb* – preciso aprofundar mais no que as possíveis interpretações de *spiel* podem me trazer.

Num momento mais avançado da leitura das obras de Freud, deparo-me com uma nova (e talvez melhor) possibilidade de tradução para o *spiel*, quando a tradutora Maria Rita Salzano Moraes, em uma nota ao texto *Neurose, psicose, perversão*, faz uma interessante análise:

O adjetivo *spielerisch* deriva do verbo *spielen* ou do substantivo *Spiel*. Assim como no caso de *to play* em inglês, ou *jouer* em francês, tal noção dá conta tanto do 'jogar' e do 'brincar', quanto do atuar cenicamente (além de servir para designar o tocar um instrumento musical). Usamos aqui o adjetivo de origem latina *lúdico* (*Ludus* - jogo/brincadeira) como aquele que em português melhor preserva a polissemia das outras línguas europeias (Freud, 2016a, p. 303, grifo meu).

Ora, se vislumbramos a possibilidade de traduzir *Spiel* por *atuar*, por que não pensarmos numa palavra semanticamente próxima, porém mais adequada às nossas questões, como a palavra *performance*? Aqui vale a pena enfatizar minha ciência acerca do uso quase exaustivo do termo. Entretanto, acredito que “performance” atende, de uma maneira bastante satisfatória, tanto ao uso que faço relacionado a uma capacidade lúdica, de encenação, quanto dialoga com a ideia de “educação estética” elencada por Spivak (2014, recurso *online*, grifo meu), para quem o termo pode ser entendido enquanto um “treino imaginativo para uma performance epistemológica”. Isto posto, temos resolvida a primeira parte do conceito: entendo, a partir deste ponto, que *Spiel* é *performance*, mas nos falta fazer trabalho similar com a noção de *trieb*.

A “Pulsão” freudiana é, de acordo com o *Vocabulário da Psicanálise de Laplanche e Pontalis* (Laplanche, 2022, p. 394), um

processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu

objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir sua meta.

Em outras palavras, a “Pulsão” é para Freud uma espécie de motor da vida anímica, principal fator de ação, quintessência presente nos atos humanos. Para enfatizar a importância central desse conceito na obra de Freud, reporto-me ao *Dicionário comentado do alemão de Freud* (Hanns, 1996). Na referida obra, Luiz Alberto Hanns pontua que

*Trieb*, tal qual usado em alemão, entrelaça quatro momentos, que conduzem do geral ao singular. Abarca um princípio maior que rege os seres vivos e que se manifesta como força que coloca em ação os seres de cada espécie; que aparece fisiologicamente ‘no’ corpo somático do sujeito como se brotasse dele e o aguilhoasse; e, por fim, que se manifesta ‘para’ o sujeito, fazendo-se representar ao nível interno e íntimo, como se fosse sua vontade ou um imperativo pessoal. No texto freudiano também, a palavra mantém estas características de uso (Hanns, 1996, p. 338).

Tendo em vista as considerações feitas até aqui sobre o *trieb* freudiano, instiga-me pensar no conceito de “Pulsão” também a partir das ponderações levantadas pelo tradutor Pedro Heliodoro Tavares que, em um artigo sobre o conceito de *trieb*, vincula a ideia da tradução do conceito pela via do inglês, *drive*, e aponta que uma possibilidade tradutória interessante seria o vocábulo *deriva* em língua portuguesa. Nesse artigo, presente em uma excelente e recentíssima tradução do livro *As pulsões e seus destinos*, de Freud (2021 [1915]), o tradutor nos informa que

No sentido de sua proveniência etimológica, no alemão e no português, duas línguas indo-europeias, *deriva* é, sem dúvida, o parente mais próximo de *Trieb*, e divide com ela certos ‘traços fisionômicos’ [...]. O que está à deriva é impelido, movido, ***levado por uma força que se percebe como alheia*** (Freud, 2021 [1915], recurso *online*, grifo meu).

Embora não queira esgotar a discussão, agora que ambos os conceitos presentes em *Spieltrieb* foram devidamente apresentados, divididos e retraduzidos, posso esboçar tal ideia da seguinte forma: de *spiel* para *play*; aproveito-me da polissemia da palavra, adicionando aqui o caráter lúdico, que por sua vez é reforçado pelo *wit*/chiste, e chego, enfim, à ideia de *performance*; por sua vez, o *trieb*, com toda a carga semântica do idioma de Freud e de Schiller me aponta para o *drive*, que, levando em conta as colocações supracitadas, sai da *pulsão* e me leva à *deriva*. Portanto, o *Spieltrieb* schilleriano que é, *a priori*, uma tentativa de se desfazer o *double bind* através da “arte enquanto um ato de ***equilíbrio*** que salvará a sociedade” (Spivak,

2012, p. 19, grifo meu), passa a ser entendido por mim como uma “deriva performativa”, que estaria no cerne daquilo que passarei a chamar de ABCriação.

Parto, mais uma vez, do pensamento de Spivak (2012): se para Schiller (2016) é o equilíbrio que importa, para a autora indiana a única saída é o “jogo” entre os dois polos do *double bind*. Parece-me que, no processo de criação, um movimento constante e desigual entre disciplina e dissipação (Lima, 2017), entre tarefa e renúncia acontece, deslocamentos que são, a priori, contraditórios, mas que a existência de um fluxo, o que estou chamando de “deriva performativa”, tornaria não só possível, mas potente e desejável. É na motilidade dessa deriva que a criação aconteceria.

Logo, o que seria isto que estou chamando de ABCriação? A resposta mais direta é a de que tal noção é uma tentativa de nomear e elaborar o (meu) processo criativo mais profundo. Se na parte 2 deste trabalho pude contar o que se vê da superfície (uma espécie de índice onomástico, uma genealogia de influências e interesses), o que me interessa agora é o *Acheronta movebo*<sup>23</sup>.

Freud, em um momento inicial de sua teoria e de sua prática (falo aqui do final do século XIX, ou seja, do nascimento da psicanálise), período chamado de “método catártico”, fala de uma ab-reação, conceito que pode ser entendido como uma

descarga emocional pela qual um sujeito se liberta do afeto ligado à recordação de um acontecimento traumático, permitindo assim que esse não se torne ou não continue sendo patogênico. A ab-reação, que pode ser provocada no decorrer da psicoterapia [...] e produzir então um efeito de catarse, também pode surgir de modo espontâneo, separada do traumatismo inicial por um intervalo mais ou menos longo (Laplanche, 2022, p. 1, grifo meu).

Aqui me é cara a leitura da *Ética*, de Spinoza (2009 [1677]), sobretudo da terceira parte, intitulada de *A origem e a natureza dos afetos*, na qual o filósofo define afeto enquanto “afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada” (Spinoza, 2009 [1677]), p. [50], grifo meu). Parece-me, pois, que em tal “potência de agir” – principalmente se considerada nesse *continuum* entre extremidades, ou seja, no “jogo” entre esses polos tão distintos – está contido o potencial criativo da escrita. Se, para Freud (2016b, p. 20, grifo meu), “o ser humano encontra na linguagem um sucedâneo para a ação, com o auxílio do qual o afeto pode ser ‘ab-reagido’ quase do mesmo modo” acredito que quando

---

<sup>23</sup> Célebre epígrafe que Freud, a partir da *Eneida*, de Virgílio, utiliza em seu *A interpretação dos sonhos* (2019 [1900]): “Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo”, ou, “Se não posso dobrar os poderes celestiais, agitarei o Inferno”.

desenvolvo uma extensa narrativa, colocando personagens em movimento, criando ações, arcos e desejos para esses, construo, não só um mundo ficcional, mas elaboro, ainda que de maneira contingente, questões profundas as quais se fazem, de alguma forma, presentes.

ABCriação é um movimento que pressupõe um afastamento, tanto do objeto quanto do tempo em que esse objeto está circunscrito, para uma posterior retomada; é minha tentativa de entender o processo criativo, ao mesmo tempo em que escrevo um produto desse processo, refletindo sobre o papel da linguagem nessa amálgama de conceitos trazidos da filosofia, da psicanálise, da tradução e, claro, da literatura.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução de Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ASIMOV, Isaac. **Fundação**. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2020a [1951].
- ASIMOV, Isaac. **Fundação e Império**. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2020b [1952].
- ASIMOV, Isaac. **Segunda Fundação**. Tradução de Marcelo Barbão. São Paulo: Aleph, 2020c [1953].
- AUEL, Jean M. **Ayla: a filha das cavernas**. Tradução de Maria Thereza de Resende Costa. Rio de Janeiro: Record, 1993 [1980].
- BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1972.
- BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1991.
- CABRAL, Carolina Bensimon. **A personagem ausente na narrativa literária**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Letras, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/1879/1/405182.pdf>. Acesso em: 1 maio 2025.
- CARD, Orson Scott. **Ender's game**. New York: Tom Doherty Associates, 1985.
- CONDEMI, Silvana. **Neandertal, nosso irmão: uma breve história do homem**. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Vestígio, 2018 [2016].
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- EMILIANI, Cesare. Calendar reform. **Nature**, [S. l.], v. 366, p. 716, dez. 1993. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/366716b0>. Acesso em: 5 nov. 2018.
- FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1905].

FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016a.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)** – Obra completa. Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b. Disponível em: <https://egaio.com.br/wp-content/uploads/2019/12/Vol.-02-Estudo-sobre-a-histeria-1893-1895.pdf>. Acesso em: 1 maio 2025.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019 [1900].

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2021 [1915].

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIBBONS, Anne. Becoming human: in search of the first hominids. **Science**, [S. l.], v. 295, p. 1214-1219, 15 fev. 2002. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/295/5558/1214>. Acesso em: 10 nov. 2018.

HANNS, Luiz Alberto. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HUXLEY, Aldous. **As portas da percepção**. Rio de Janeiro: Globo, 2015 [1954].

HUXLEY, Aldous. **Moksha: Os escritos clássicos de Aldous Huxley sobre psicodélicos e a experiência visionária (1931–1963)**. Rio de Janeiro, Biblioteca Azul, 2022.

KAFKA, Franz. A preocupação do pai de família. *In*: KAFKA, Franz. **Um médico rural: pequenas narrativas**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das letras, 1999

KROEBER, Alfred. **The Nature of Culture**. Chicago: University of Chicago Press, 1952.

KUHLWILM, Martim *et al.* Ancient gene flow from early modern humans into Eastern Neanderthals. **Nature**. [S. l.], v. 530, p. 1-17, 2016. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nature16544>. Acesso em: 6 set. 2018.

LAO-TZU. **Tao te ching: a book about the way and the power of the way**. Tradução de Ursula K. Le Guin, Jerome P. Seaton. Boston: Shambhala, 1998.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise: Laplanche e Pontalis**. Tradução de Pedro Tamen. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

LE GUIN, Ursula K. **Rocannon's world**. New York: Ace books, 1966.

LE GUIN, Ursula K. **The wave in the mind: talks and essays on the writer, the reader, and the imagination**. Boston, Massachusetts: Shambhala Publications, 2004. *E-book*. Disponível

em: [https://manifesto-library.espivblogs.net/files/2018/10/Ursula-K.-Le-Guin-The-Wave-in-the-Mind\\_-\\_Talks-and-Essays-on-the-Writer-the-Reader-and-the-Imagination-2004-Shambhala.pdf](https://manifesto-library.espivblogs.net/files/2018/10/Ursula-K.-Le-Guin-The-Wave-in-the-Mind_-_Talks-and-Essays-on-the-Writer-the-Reader-and-the-Imagination-2004-Shambhala.pdf). Acesso em: 1 maio 2025.

LE GUIN, Ursula K. **A mão esquerda da escuridão**. Tradução de Susana L. de Alexandria. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2014 [1969].

LE GUIN, Ursula K. **Os despossuídos**. Tradução de Susana L. de Alexandria. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2019 [1974].

LEITE, Marcelo. **Psiconautas: viagens com a ciência psicodélica brasileira**. São Paulo: Fósforo, 2021.

LEWIS, Simon L.; MASLIN, Mark A. Defining the Anthropocene. **Nature**, [S. l.], v. 519, p. 171-180, 2015. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nature14258>. Acesso em: 15 fev. 2019.

LIMA, Tiago Novaes. **Disciplina e dissipação na criação literária**. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2017. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-03102017-163752/publico/lima\\_do.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-03102017-163752/publico/lima_do.pdf). Acesso em: 1 maio 2025.

NASCIMENTO, Esdras do. **Variante Gotemburgo**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1977.

NEVES, Walter Alves; RANGEL, Miguel José Junior; MURRIETA, Rui Sergio (Orgs.) **Assim Caminhou a Humanidade**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. **Novos Estudos**. São Paulo, n. 86, p. 75-90, mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/4twWJzZKqthNjSyHxVnwtTP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 maio 2025.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. **Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHILLER, Friedrich. **Cartas Sobre a Educação Estética da Humanidade**. Tradução de Roberto Schwarz. São Paulo: EPU, 2016.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Tradução de Márcia Xavier de Brito e Carlos Primati. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017 [1831].

SLON, Viviane *et al.* The genome of the offspring of a Neanderthal mother and a Denisovan father. **Nature**. [S. l.], v. 561, p. 113-124, 22 ago. 2018. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-018-0455-x>. Acesso em: 6 set. 2018.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. *Ebook*.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **An aesthetic education in the era of globalization**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **TLHEC8 - Workshop with Prof Gayatri Spivak**. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (1h33min39seg). Publicado pelo canal Teaching & Learning TV by UTLO. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=iMTzutBH5eM&t=2011s&ab\\_channel=Teaching%26LearningTVbyUTLO](https://www.youtube.com/watch?v=iMTzutBH5eM&t=2011s&ab_channel=Teaching%26LearningTVbyUTLO). Acesso em: 20 mar. 2023

VEIGA, José Eli. **O Antropoceno e a ciência do sistema Terra**. São Paulo: Editora 34, 2019.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

WRAGG SYKES, Rebecca. **Kindred: Neanderthal life, love, death and art**. London: Bloomsbury Sigma, 2020.

ZALASIEWICZ, Jan; WATERS, Colin; WILLIAMS, Mark. The anthropocene. *In*: GRADSTEIN, Felix *et al.* **Geologic time scale 2020**. Amesterdã (Holanda): Elsevier, 2020. p. 1257-1280.

## APÊNDICE A - BREVE GLOSSÁRIO SUAÍLE/SÂNSCRITO

- Samana: espécie de 'língua comum' falada pelos habitantes da Negara (comum em Sânscrito);
- Marga: palavra usada para designar ruas, avenidas e rotas (rua/rota/caminho em Sânscrito);
- Adribhu: nascido nas montanhas (possível designação dos Denisovanos), em sânscrito;
- Samhata: de braços fortes (possível designação dos Neandertais), em sânscrito;
- Jestah: velho, em sânscrito;
- Kala: destino, em sânscrito;
- Safi: puro, em suaíle;
- Uzuri: beleza, em Suaíle;
- Ananda: felicidade extrema, em sânscrito;
- Ekseli: eixo, em suaíle;
- Mitra: sol, em sânscrito;
- Chama: guilda, em suaíle;
- Jiko: estufa, em suaíle;
- Avani: solo, em sânscrito;
- Siri: shuttle, em sânscrito;
- Kitovu: hub (eixo central), em suaíle;
- Majani tu: just leaves (somente folhas), em suaíle;
- Mchawi: (witch) bruxo em suaíle;
- Mganga: (healer) curandeiro, em suaíle;
- Vitta: dinheiro, em sânscrito;
- Pishi (mpishi): cozinheiro, em suaíle;
- Mnene: atarracado, em suaíle;
- Aina: espécie, em suaíle;
- Agra: origem, em sânscrito;
- Hofu (awe): wonder, terror, respect, em suaíle;
- Watueyasi (fusão entre as palavras watu = povo e Eyasi = "mar cintilante"): Povo do mar cintilante, em suaíle;
- Njia: caminho, em suaíle;

- Njiara: "O" caminho, em suaíle;
- Chui'usiku (fusão das palavras suaíle chui = tigre e usiku = noite): tigre da noite;
- Shiriki'ndoto (fusão das palavras suaíle shiriki = compartilhar e ndoto = sonho):  
compartilhamento do sonho;
- Vuke'nyumba (fusão das palavras suaíle mvuke = vapor e nyumba = casa): casa de  
vapor;
- Shauri (Mshauri): mentor, em suaíle;
- Moksha, liberação em sânscrito;
- Abiria, passageiro em suaíle;
- Zawadi, dádiva, em suaíle;
- Miseto (Mseto), híbrido, em suaíle;
- Mahuluti, plural de híbrido, em suaíle;
- Migueni (Mgeni), forasteiro, em suaíle;

## APÊNDICE B - NOTAS EXPANDIDAS

### *Negara*

#### VISÃO GERAL

A *Negara* se tornou a força política que dirige o mundo. É claro que a ubiquidade desse modelo de governo tem, pelo menos, dois aspectos a serem analisados. O primeiro diz respeito a um sistemático e progressivo aumento de poderio militar e tecnológico, o que levou à conquista de um número significativo de povos, se não pela força da arma, pelo convencimento do fim das guerras entre espécies: *halus* manteriam sua pesca, enquanto os *adribhu* continuariam em suas montanhas e os *samhata* poderiam permanecer em suas cavernas. Entretanto, a questão vai muito além do domínio de uma espécie, pois esses indivíduos formam povos, populações, comunidades; o controle sobre um ou três povos é, sem dúvida, insuficiente; sobre uma ou algumas dezenas, pode ser demais se um modelo de crescimento sustentável não for criado.

Outro fator que precisa entrar nessa conta é que a *Negara* se desenvolveu através de fronteiras porosas e uma ambição potencialmente ilimitada. Durante o que se chamou de Grande Expansão, a *Negara* absorvia e apreendia um número cada vez maior de povos, sem, no entanto, perder sua estrutura e unidade básicas. Mantendo-se culturalmente diversa e territorialmente flexível, esse Estado pôde unir os povos, amalgamando grupos étnicos e faixas ecológicas de uma antípoda a outra do planeta.

#### A TEORIA DOS PRINCÍPIOS E PARÂMETROS (P&P)

A solução encontrada pela *Negara* foi a de padronizar um modelo de crescimento e conquista que pudesse ser replicado nos mais diferentes cantos do mundo, adaptando-se à geografia, à história, à religião e, o principal, às espécies. Como nos lembra a filosofia antiga, os membros que compõem um corpo devem crescer proporcionalmente – embora nem todas as espécies possam concordar com isso – e o Estado, sendo de maneira semelhante composto de partes, altera-se e se enfraquece caso alguma dessas partes, como acontece com frequência, cresça menos ou mais em detrimento de outras partes. Há, claro, exemplos que poderíamos usar como a massa de pobres que cresce, de maneira descontrolada, nas bordas das cidades da

*Negara*, um claro sintoma da limitação que o Estado encontra em entregar para todos o progresso e a prosperidade prometidos. Entretanto, a ideia da aplicação do modelo de P&P pela *Negara* visa uma escala global, o que retira do escopo os problemas regionais advindos do desenvolvimento tardio.

Eis como opera tal esquema: Princípios & Parâmetros é a ótica que propõe a existência de um conjunto de regras, princípios universais, inerentes a todas as espécies humanas e que seriam compartilhados por todos esses indivíduos. Isso significa dizer que há traços, comportamentos e ações que são vistas da mesma maneira por todas as espécies – aqui entrariam (mas não se limitariam a) os casos de incesto (especificamente com a mãe), canibalismo (a fome extrema ainda justificava alguns casos) e o assassinato desmotivado (pena de morte e crimes de honra ainda eram tolerados em alguns lugares), banidos e proibidos em todas as sociedades humanas, tanto na *Negara* quanto na *Desa*.

O conhecimento de uma espécie particular, então, consistiria no conhecimento das configurações de um número finito de parâmetros, os quais definiriam exatamente como os princípios universais precisariam ser aplicados para descrever, de maneira correta, a relação dessa espécie com o mundo, isto é, o estudo, o conhecimento e a possibilidade de descrever as espécies seria fundamental para que os parâmetros pudessem ser reconhecidos, medidos e replicados, gerando, portanto, uma uniformidade de ações por parte do Estado.

Um bom exemplo de aplicação dos P&P pode ser encontrado na maneira como a *Negara* maneja a particularização de seus procedimentos nos continentes: eles entenderam que a ideia de Estado se encontra apoiada no tripé Status (posto, posição e condição), Pompa (esplendor, presença e estrutura) e Governo (*Negara*, soberania e comando). Na maioria dos lugares, nos tempos atuais, é o terceiro fator que ganha relevo. Entretanto, durante muito tempo, Status e Pompa precisaram ser ressaltados, visto que muitos povos só entendiam a linguagem simbólica do poder através de ritos próprios e do esplendor da autoridade. O que a *Negara* fez foi entender que esses parâmetros poderiam ser ajustados de acordo com o momento histórico de cada povo, de cada espécie.

Ainda que a ideia de Governo tivesse a primazia no pensamento da *Negara* moderna, os dois outros pontos que davam base a esse estado de coisas tinham seu lugar bastante definido, como era o caso da Tétrica, uma celebração criada e mantida para que os cidadãos se lembrassem da passagem do tempo, da virada do ano e, ainda que subentendido, como tudo aquilo só era possível graças a um Estado sólido e a uma civilização organizada.

## O CALENDÁRIO ANTROPOCENO (CA)

Durante muito tempo a *Negara* sofreu com questões envolvendo calendários, já que espécies diferentes acabavam contando a passagem das estações de maneira distinta. Para um *halus*, por exemplo, eram as cheias e as monções que marcavam um ciclo, ao passo que para o *adribhu* era o derretimento do gelo nas montanhas que determinava uma nova fase. A espécie que talvez mais se tenha preocupado com a passagem e a marcação do tempo foram os *samhata*, que tinham um complexo esquema de indicação das mudanças que aconteciam ao longo do ano (mudanças de temperatura, migração de animais e posição relativa do sol eram alguns dos sinais observados), tudo muito bem documentado em seus vastos e profundos sistemas de caverna. Isso sem contarmos as várias mitologias que também serviam para determinar qual tempo era aquele: o nascimento ou a morte de um deus; a chegada ou a partida de um messias; todos esses eventos, centrais na vida de muitos povos, também eram ferramentas para mensurar o tempo.

Entretanto, após a formalização da *Negara* proposta pelos *saggrakatha*, a urgência de um modelo de aferição do tempo que fosse comum a todas as espécies levou à proposição de um calendário que pudesse contemplar (ou chegasse próximo) as diferentes percepções da realidade. Foi então que nasceu o Calendário Antropoceno. De maneira concisa, o CA baseia-se no princípio (muito estudado e comprovado pelos estudiosos da *Negara*) de que todas as espécies humanas conhecidas eram, num primeiro momento, nômades. Os primeiros vestígios de sedentarização (o que vai ficar conhecido como Revolução Agrícola) datam de doze mil anos – mais especificamente, 12.022 anos atrás. Foi a passagem de um sistema de caça e coleta (funcional, mas contingente) para uma ordem na qual o cultivo do solo ganha destaque, fazendo com que não haja mais necessidade de migrações, que os cientistas da *Negara* chamaram de Marco Zero da civilização e, a partir daí, utilizaram esse ponto temporal para todas as considerações de datas e acontecimentos históricos. Importante notar que a motivação do nome Antropoceno vem do fato de que é principalmente após a Revolução Agrícola que toda a paisagem do planeta se modifica, o que evidencia, portanto, a capacidade transformadora de uma força chamada espécie humana, criando, assim, um antes e um depois na história de *Gaya*. Em termos práticos, tudo o que acontece antes desse corte temporal será chamado de anterior ao Calendário Antropoceno (aCA) e, em ocasiões em que se fizer necessário, o termo CA poderá ser usado, enfatizando a existência dessa era comum.

## OS ENCONTROS INTERESPECÍFICOS REVISITADOS

No início, a ideia de *Negara* passava pela união das principais espécies que, à época, já haviam feito a sua Revolução Agrícola, isto é, *adribhu*, *samhata* e *saggrakatha* – hoje essa percepção é muito criticada, pois *halus* encontrados em diversos lugares já tinham, na mesma época, um sistema de pesca tão eficaz quanto qualquer tecnologia agrícola desenvolvida em terra. Entretanto, é preciso recuar no tempo e entender o que essa união significou.

Quando falamos em união de espécies, é comum esquecermos que esses indivíduos começaram a se encontrar há, pelo menos, quarenta ou cinquenta mil anos, isto é, se considerarmos apenas os doze mil anos propostos no Calendário Antropoceno, estamos deixando para trás mais de trinta e oito mil anos de história. Assim como em qualquer ecossistema, há uma dinâmica entre a quantidade de consumidores e a oferta de recursos e, se aquela é maior que essa, ou os indivíduos realocam seu grupo, procurando um território onde haja maior abundância de recursos, ou sua subsistência estará ameaçada. Os primeiros encontros entre espécies humanas foram, a história recente indica, como qualquer encontro entre animais de espécies diferentes: competição. Entretanto, diferente de outros animais, a capacidade do pensamento simbólico e a inteligência social altamente desenvolvida nas espécies humanas – no início pensava-se que apenas os *saggrakatha* teriam pensamento simbólico, o que foi descartado quando os primeiros encontros começaram a acontecer – foram vitais para que a competição pudesse ser substituída pela cooperação.

Embora proposta inicialmente pelos *saggrakatha*, estudos mais atuais mostram que foram os *samhata* os primeiros humanos a aceitar uma relação interespecífica harmônica, isto é, um sistema de cooperação no qual ambas as espécies pudessem se beneficiar. Durante alguns milhares de anos, *saggrakatha* e *samhata* conviveram em harmonia, mas o crescimento dos grupos (e a consequente diminuição na oferta de recursos) e a aparição de mais uma espécie humana, os *adribhu* (que se viram obrigados a saírem de suas montanhas por conta da gradual mudança climática, que não só derreteu geleiras, mas também acabou com diversas outras espécies, da flora e da fauna, imprescindíveis para a sobrevivência naquele nicho), fez com que aqueles humanos lançassem mão da ferramenta mais poderosa já criada: a ficção.

O pensamento simbólico possibilitou às espécies humanas (em detrimento de outras espécies, como as abelhas ou os gnus, por exemplo) um tipo de existência na qual a ficção – o operador fundamental do simbólico – fizesse com que todo um conjunto de arranjos nos parecesse parte da natureza: pegamos o fruto na árvore, com sua existência objetiva, e a partir dele criamos uma história na qual aquele fruto era proibido – quem dele comesse seria

amaldiçoado por alguma entidade superior, algum ser todo-poderoso, igualmente criado por nossas experiências místicas. Esse mesmo fruto que antes precisava ser consumido imediatamente por conta da competição com outras espécies, passa a ser cultivável, o que possibilita a replicação da árvore donde se tira tal fruto. Logo, o fruto passa a servir como moeda de troca por outros tipos de frutos ou itens de nossa necessidade e a ideia de fruto, produzido em excesso, se transforma em lucro. Em algum momento sintetizamos o cheiro e o gosto do fruto, de maneira que não mais precisássemos do fruto presente para sentir seu gosto ou seu cheiro, ainda que aquele operador fundamental do simbólico nos dissesse que, aquilo que estávamos consumindo era, de fato, o fruto.

E foi com base nesse poderoso operador do simbólico que a *Negara* cresceu e se expandiu. Uma quantidade cada vez maior de indivíduos de espécies humanas distintas passaram a acreditar que faziam parte de um sistema que os recebia, uma comunidade – que cada vez mais se tornava uma rede – na qual eles receberiam reconhecimento enquanto iguais ou, como se discute contemporaneamente, fossem admitidos em sua diferença.

## O COSMORAMA

Antes de qualquer consideração acerca dessas imensas telas que, de febre e novidade quando de seu lançamento, passaram a configurar mais uma decepção na “entrega da promessa da tecnologia” – muitos arquitetos e urbanistas eram contra a manutenção dessas “bugigangas” nas cidades, alegando questões estéticas e até mesmo ambientais -, seria bom o leitor considerar a formação de duas das maiores corporações da *Negara*: a Corporação Cosmo (ou simplesmente Cosmo) e a Rama.

### **A Cosmo**

A Cosmo é uma das empresas mais antigas em atuação hoje, com sua fundação datando de 11.886. Com o crescimento populacional que o século testemunhara (a população saiu de seiscentos milhões de habitantes no início de 11.700 e chegou ao patamar do bilhão em pouco mais de cem anos), o avanço da tecnologia e os índices de bem-estar entre as pessoas da *Negara* dispararam, o que foi correlacionado à procura por artigos de beleza – essa época seria conhecida como *Uzuri* – um tipo de demanda inédita até então. Foi aí que a Cosmo criou linhas

inteiras de produtos de beleza que, num primeiro momento atendendo apenas às mulheres que pudessem pagar, passaram a integrar a vida e o dia a dia das pessoas. Se no início o alvo eram as mulheres, com perfumes, cremes e maquiagens, em pouco tempo a Cosmo era a empresa líder em vários segmentos das necessidades humanas: desodorante, sabonete, creme dental e diversos outros itens eram vendidos por uma empresa que, até então sozinha no mercado, parecia atender cada vez mais às expectativas do seu público consumidor.

Tudo isso mudou quando as guerras e a fome começaram em *Ekam*, um dos continentes que mais havia se adaptado ao estilo de vida da era *Uzuri*. Foi aí que a Cosmo percebeu um outro potencial mercado: remédios. Ao notar que suas pomadas para queimadura e outros ferimentos estavam se esgotando nas prateleiras, os executivos da Cosmo fizeram um investimento vultoso para iniciar uma indústria farmacêutica que, com uma demanda assustadora, começou a criar remédios para os mais variados males – inclusive, até hoje, há dúvidas com relação a quem descobriu o primeiro antibiótico, embora a Cosmo tenha desenvolvido os mais famosos à época.

Bem estabelecida nas indústrias de cosméticos e medicamentos, a empresa começava, no seu centenário, a investir cada vez mais em uma área que ainda era muito desconhecida, mas logo se tornaria um dos mais promissores negócios no mundo: a engenharia genética. Os cientistas que trabalhavam na Cosmo começaram a desenvolver enormes grupos de estudo e cooperação com diversas universidades do mundo, em uma dinâmica que se tornaria famosa e ajudaria a avançar a pesquisa e o desenvolvimento de vários centros de conhecimento da *Negara*. Em suma, a empresa investia nos pesquisadores desses núcleos de investigação, comprando equipamentos, dando bolsas de estudos e, em troca, poderia manter a patente das descobertas advindas dessas pesquisas. O primeiro mapeamento genético completo foi feito no ano 12.000 por um grupo de cientistas financiados pela Cosmo e, nos últimos vinte anos, além de tornar esse mapeamento acessível a praticamente qualquer pessoa, a Cosmo tem conseguido resultados impressionantes com relação à edição genética. Se antes o objetivo era sequenciar e mapear o genoma humano, a meta agora era conseguir formatar essa estrutura basilar, eliminando potenciais doenças ou, como ainda era muito controverso, escolhendo as características de um bebê, por exemplo.

Ainda que a engenharia genética fosse hoje a principal área de investimentos da Cosmo, os dois outros campos – cosmética e farmacêutica – recebiam tanta (ou mais) atenção quanto antes. A verdade era que nunca se consumiu tanto cosmético e medicamento na história da *Negara*. Com a promessa de rejuvenescimento sem métodos invasivos – não que esses também não estivessem cada vez mais na moda, mas eram mais caros e dolorosos –, os tratamentos anti-

idade dispararam em vendas na última década, ao passo que os reguladores de humor e antidepressivos se tornaram a chave para que as sociedades se mantivessem produtivas. O Ananda, mais recente e principal produto da Cosmo no combate aos transtornos de humor, era hoje o medicamento mais vendido na *Negara*, por exemplo.

## **Rama**

A Rama é um centro tecnológico que prepara especialistas criativos e altamente qualificados. Núcleo líder no campo das ciências tecnológicas com uma abordagem de estudos moderna e voltada para o mercado de trabalho, seus projetos de pesquisa científica e desenvolvimento experimental são realizados em praticamente todos os continentes. Mas não são os centros de estudo ou as publicações científicas que tornaram a Rama reconhecida em todo o mundo e sim os produtos que surgiram dessas pesquisas. Comunicação, energia e, mais recentemente, inteligência artificial: esse se tornou o tripé de ação da empresa. Os primeiros telefones móveis, capazes de rodar aplicativos, se tornariam um item de necessidade em quase todos os bolsos da *Negara*. Os especialistas em tecnologia apontam que foi a Rama que detectou nossa crescente incapacidade para lidar com o tédio. Logo, produtos que captassem a atenção do consumidor – convertendo essa na grande mercadoria do mundo moderno – se tornariam, cada vez mais, desejados, consumidos e, claro, rentáveis.

As primeiras redes sociais foram desenvolvidas quando as mentes criativas da Rama perceberam que a superexposição não era algo incômodo e sim, pretendido; investiu-se de maneira ímpar na criação de mundos paralelos os quais cada vez mais ganhavam adeptos. Com quase um terço dos habitantes da *Negara* utilizando seus serviços, a Rama passou a captar uma quantidade de informação tão grande sobre seus usuários que era possível agora desenvolver não só algoritmos que os conhecessem – do gosto musical ao tipo de cheiro que ele ou ela não suportaria; dos seus fetiches mais secretos até seu trajeto para o trabalho; de uma terrível fobia ou trauma de infância até seus planos para a aposentadoria -, mas produtos que estimulassem determinado comportamento, sobretudo de consumo. Um dos maiores sucessos da empresa foi o *Vidva*: embarcando no discurso do respeito às diferentes espécies, o aplicativo funcionava como uma rede para encontros e formação de casais, só que apenas entre espécies diferentes. Na prática, um *samhata* que entrasse no aplicativo jamais encontraria algum perfil de sua própria espécie: apareceriam para ele *saggrakatha*, *halus* ou *adribhu*, mas nunca outro *samhata*.

Criticada por muitos, celebrada por vários, a verdade era que praticamente toda a tecnologia de comunicação disponível hoje era fornecida pela Rama: o cidadão médio despertava com uma música alegre saindo de seu *Ekceli*, um pequeno cubo (disponível em diversos tamanhos e modelos, claro) que lembrava uma simples caixa de som, mas continha uma assistente virtual, Ravana (cujo nome remonta a uma figura da mitologia de alguns povos da *Desa* e é conhecida por possuir dez pares de braços e nove cabeças). Em seguida, sem que precisasse pedir, a assistente virtual lia as notícias e repassava a agenda do dia, lembrando desde itens da lista de compras até o aniversário de um contato da rede social – a quem insistia-se em chamar de amigo. Essa inteligência virtual podia fazer a automação de quase toda a residência, ligando e desligando eletrodomésticos e luzes, trancando e abrindo portas; criando rotinas para que a pessoa não mais precisasse pensar no que fazer. O mais recente lançamento da Rama era um serviço de entregas via drone.

Toda essa imensa estrutura tecnológica tem (ou pelo menos, tinha) uma barreira: a matriz energética. Discussões sobre fontes de energia renovável ganhavam cada vez mais espaço na sociedade da *Negara* e, de fato, a poluição com a energia advinda de combustíveis fósseis tornava-se mais e mais nociva, de modo que quando a Rama descobriu (e, em larga medida, inventou) o sistema *Mitra*, ela se tornou a maior empresa em valor de mercado, ultrapassando até mesmo a Cosmo — apesar de o título de empresa mais valiosa da *Negara* passar de uma empresa para a outra, a depender dos acontecimentos do ano. *Mitra* é um sistema que consiste em utilizar painéis solares para a captação de energia, mas com duas modificações fundamentais em relação ao que havia disponível no mercado: em primeiro lugar, o módulo de armazenamento desenvolvido pela Rama era muito superior às baterias de íons de lítio até então comercializadas; em segundo lugar, e talvez o fato que mudou todo o jogo, o sistema *Mitra* captava a energia utilizando a mesma técnica que as árvores usam. Após anos de pesquisas em biomimética, os cientistas da Rama descobriram que as árvores captavam a energia solar com uma distribuição espacial uniforme, seguindo uma constante matemática. Isso possibilitou o desenvolvimento de placas solares na vertical, o que acabou com o segundo – e talvez maior – problema da energia solar, que era justamente a área necessária para a distribuição das placas. Em apenas alguns anos, “florestas” inteiras de captação solar foram construídas e até uma cidade funcionava utilizando esse princípio – Solario, uma das cidades mais fascinantes da *Negara*, tinha ruas e avenidas com “árvores” que captavam a energia que era utilizada por grande parte dos moradores e dos equipamentos públicos.

## O cosmorama

Espécie de portal circular, à maneira daqueles grandes espelhos dos contos de fadas, o cosmorama era um aparato tecnológico o qual possibilitava a conexão direta e em tempo real entre dois lugares distintos; em termos práticos, era possível alguém em Solario ver, em tempo real, tudo que acontecia em uma avenida qualquer em Bab’el, por exemplo. Várias cidades da *Negara* aderiram ao dispositivo, de forma que em algumas cidades existiam dois ou três cosmoramas. A novidade foi abraçada com tanto fervor que até alguns lugares da *Desa* incorporaram a ideia.

Quando o cosmorama foi lançado, muitas foram as tentativas de descrevê-lo. Símbolo da cidade do futuro e uma ponte para um mundo mais aberto e unificado, onde encontraríamos tempo para estacionar e mergulhar em cidades desconhecidas, suas culturas, suas espécies, e entender que temos mais semelhanças do que diferenças, o cosmorama era, de acordo com seus criadores, uma nova maneira de se teletransportar para a realidade de outra cidade em tempo real e conhecê-la mais de perto. O objetivo do cosmorama era expandir a percepção de unidade e os limites geográficos da empatia, promovendo o imprescindível pensamento global, a cidadania e a responsabilidade de todos para com *Gaya*. O desejo de oferecer uma alternativa às ideias e narrativas divisoras, segundo a Rama, é atemporal e relevante todos os dias, especialmente no contexto da época – os discursos disruptivos só pioraram com o passar do tempo.

Mas como acontece com quase todas as novidades, em um espaço curto de tempo ninguém mais achava aquela tecnologia encantadora – como quando se descobre de que jeito um mágico faz um truque e não se interessa mais por sua performance. A solução encontrada pela Rama foi utilizar aqueles portais como painéis publicitários. Ainda era possível ver as cidades conectadas – em Bab’el, por exemplo, afixaram um cosmorama no alto do antigo farol, o que funcionou durante um tempo, pois apesar de não funcionar mais como guia para navios, o farol, mesmo em ruínas, passou a ser visitado por pessoas que queriam saber a qual cidade aquele cosmorama daria acesso. E assim aconteceu que, com o tempo, quase ninguém mais se importava com a cidade (ou a pessoa) que estava do outro lado do portal. Usados quando em vez por artistas performáticos (o portal só transmitia imagem), o cosmorama era usado hoje para veicular anúncios, mas muitos foram desativados, vandalizados ou meramente esquecidos – tão úteis quanto o próprio farol de Bab’el, um aparato antes visto como uma maravilha da tecnologia, hoje encarado como ruína obsoleta.

### *Samhata*<sup>24</sup>

Quando se fica cara a cara com um *samhata* (“aquele ou aquela de braços fortes”, na língua da *Negara*), é fácil reconhecê-lo como um membro da espécie humana, mas com certeza, pelo menos nos primeiros encontros, sua compleição gera algum tipo de estranheza. Um pouco mais baixo do que a média – o padrão usado aqui é a média das estaturas de todas as espécies que habitam a *Negara*, isto é, um metro e setenta para os machos e um metro e sessenta para as fêmeas – e com a caixa torácica mais larga e a cintura mais dilatada, a proporção de seus membros também é ligeiramente diferente. Sob suas coxas, fortes e musculosas, estão ossos mais grossos, mais redondos e ligeiramente curvos. Ainda assim, apesar de todas essas diferenças anatômicas da base, sua locomoção é idêntica a dos *saggrakatha*, por exemplo.

Ao analisarmos o corpo de um *samhata*, é possível perceber que em quase todos os lugares há idiossincrasias anatômicas, algumas mais óbvias, outras mais sutis. Por exemplo, os *saggrakatha* têm um núcleo ósseo logo abaixo do queixo, mas se você pressionar esta área no corpo de um *samhata*, logo perceberá sua ausência, o que traz consequências para muito além da mera diferença estética: uma pancada recebida em qualquer lugar da cabeça é sempre perigosa e pode, em última análise, causar o mesmo estrago. Entretanto, o golpe desferido contra o queixo tende, em geral, a ser o mais perigoso, pois de lá a força da batida pode ir direto para uma região do cérebro chamada “tronco cerebral”, morada de células responsáveis por nossa consciência, isto é, se o trauma experimentado na região for muito forte, essas células sofrem uma lesão – momentânea ou definitiva – e deixam de funcionar, levando o corpo ao torpor. Como os *samhata* não têm esse núcleo ósseo, é muito mais difícil derrubá-los com um golpe, o que os torna excelentes lutadores corpo-a-corpo.

Outro ponto de distinção entre *saggrakatha* e *samhata* pode ser percebido na cabeça. Nos *saggrakatha*, essa região do corpo é alta, mas redonda, com o rosto curto e encolhido sob a testa, ao passo que nos *samhata* o crânio tem formas muito distintas: coroas inferiores dão um visual mais aerodinâmico, quase esculpido, finalizado por uma perceptível saliência logo acima do pescoço – região também chamada de coque occipital, logo acima da nuca. Seus olhos, maiores e mais profundos – e, de maneira geral, mais claros, com predominância da cor azul -, olham para fora de um rosto cujo nariz e boca parecem puxados para frente, mas com maçãs do

---

<sup>24</sup> Quando a ideia de capítulos entremeando a narrativa principal ainda era a dominante, pensei em criar notas expandidas contando um pouco sobre as distintas características de cada espécie.

rosto mais recuadas. Emoldurando tudo isso estão grandes sobranceiras arqueadas, que não são separadas centralmente, além de serem muito mais notáveis e imponentes do que as do *saggrakatha*.

Ao falar dos olhos, uma pergunta – ousada, por certo – pode nos ajudar a entender melhor a espécie dos *samhata*: como eles veem o mundo? A cosmovisão é particular e não está, necessariamente, atrelada a isso, mas do ponto de vista físico e fisiológico, podemos dizer que os *samhata* possuem a maior órbita ocular entre as espécies; olhos maiores significam uma retina fotoabsorvente mais capaz e uma maior sensibilidade à luz. A hipótese mais aceita sobre o surgimento dessas características anatômicas está na origem da espécie: como sua região de predominância eram os continentes *ekam* e *dve* – territórios que estão em uma latitude muito mais alta do que a maior parte do continente *sunya* -, eles precisaram lidar com menos luz e invernos especialmente escuros – animais das regiões setentrionais tendem a ter olhos maiores e, em média, mesmo as pessoas de latitudes mais altas têm globos oculares até 20% maiores do que os que vivem perto do equador. Outro lugar onde a luz tem sua entrada restrita são as cavernas e, como ficaria comprovado com o passar das eras, os *samhata* foram – e ainda são, se considerarmos algumas moradas – os maiores construtores em cavernas de todas as espécies – estudos recentes apontam que as complexas galerias de túneis, povoadas por comunidades *adribhu* no alto das montanhas, outrora pertenceram aos *samhata*. Olhos expandidos pedem um sistema visual também maior, o que casa bem com o fato de que a região onde a visão é processada fica alojada exatamente no distinto coque occipital dos *samhata*.

Enquanto os sistemas visuais dos *samhata* são ampliados em comparação com os nossos, seu bulbo olfativo – a região do cérebro que lida com o cheiro – é reduzida, o que não significa, necessariamente, uma sensibilidade reduzida. Com uma abertura nasal bastante pronunciada, os *samhata* parecem se dar melhor que outras espécies em regiões áridas ou frias, pois uma das funções do nariz é “condicionar” o ar, aquecendo-o e umedecendo-o antes que ele chegue nos pulmões, órgão sensível do corpo humano.

As diferenças, é claro, vão muito além da superfície. Nos *samhata*, a articulação móvel onde a mandíbula encontra a cabeça – região facilmente perceptível quando se mastiga – tem uma forma bastante diferente, com uma lacuna rasa e assimétrica e um protuberância extra de osso. Ou ainda: a maioria dos dentes dos *saggrakatha* sobe de encontro ao arco da mandíbula, mas nos *samhata* eles são puxados ainda mais para a frente, criando uma lacuna na região onde nasce o terceiro molar – último dente a nascer nas espécies humanas e amplamente divulgado como signo de maturidade entre os *saggrakatha*. Dentro de sua mandíbula, os dentes de trás

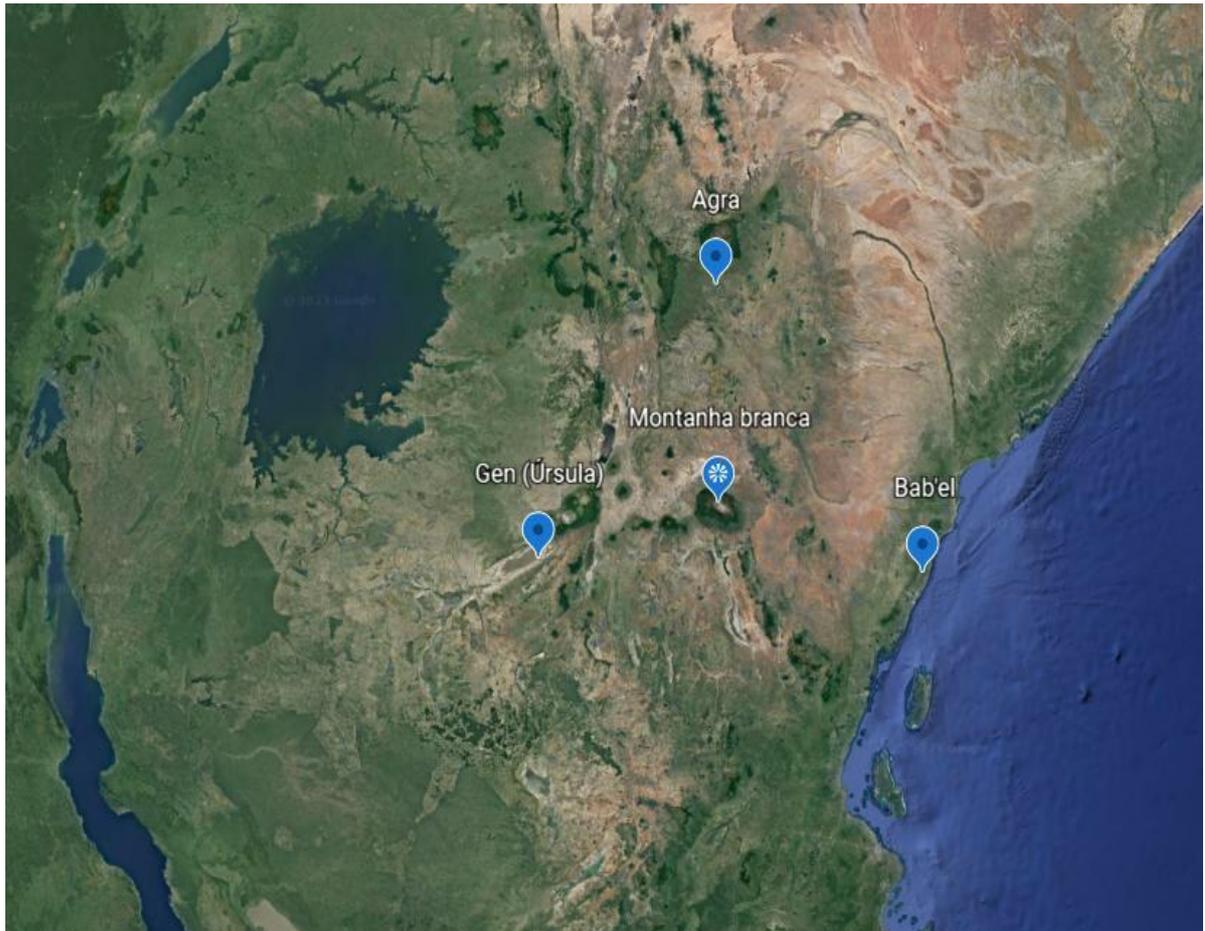
dos *samhata* também diferem de outras espécies, com a frequente aparição de raízes maciças fundidas.

Outra distinção frequentemente visível – principalmente quando ocorre o encontro dessas duas espécies – é que enquanto a ponta do polegar de um *saggrakatha* é mais curta do que o segundo osso desse mesmo dedo, nos *samhata* – até mesmo nos bebês – ambos têm quase o mesmo comprimento, e suas mãos, quando cumprimentam uma outra pessoa, conservam uma pegada firme, mais abrangente, com as pontas dos dedos também mais alargadas.

O conjunto de variações nos corpos dos *samhata*, no entanto, não é uma indicação de que sejam humanos mais primitivos – como muito se tentou comprovar no passado. Inclusive, a expressão ‘primitivo’ indica, em termos evolutivos, uma característica com raízes muito antigas, compartilhadas entre espécies do mesmo grupo ancestral. Tanto *saggrakatha* quanto *samhata* herdaram algumas características antigas em comum: a linhagem *saggrakatha* manteve algumas dessas características, perdendo outras, enquanto o inverso também é verdadeiro.

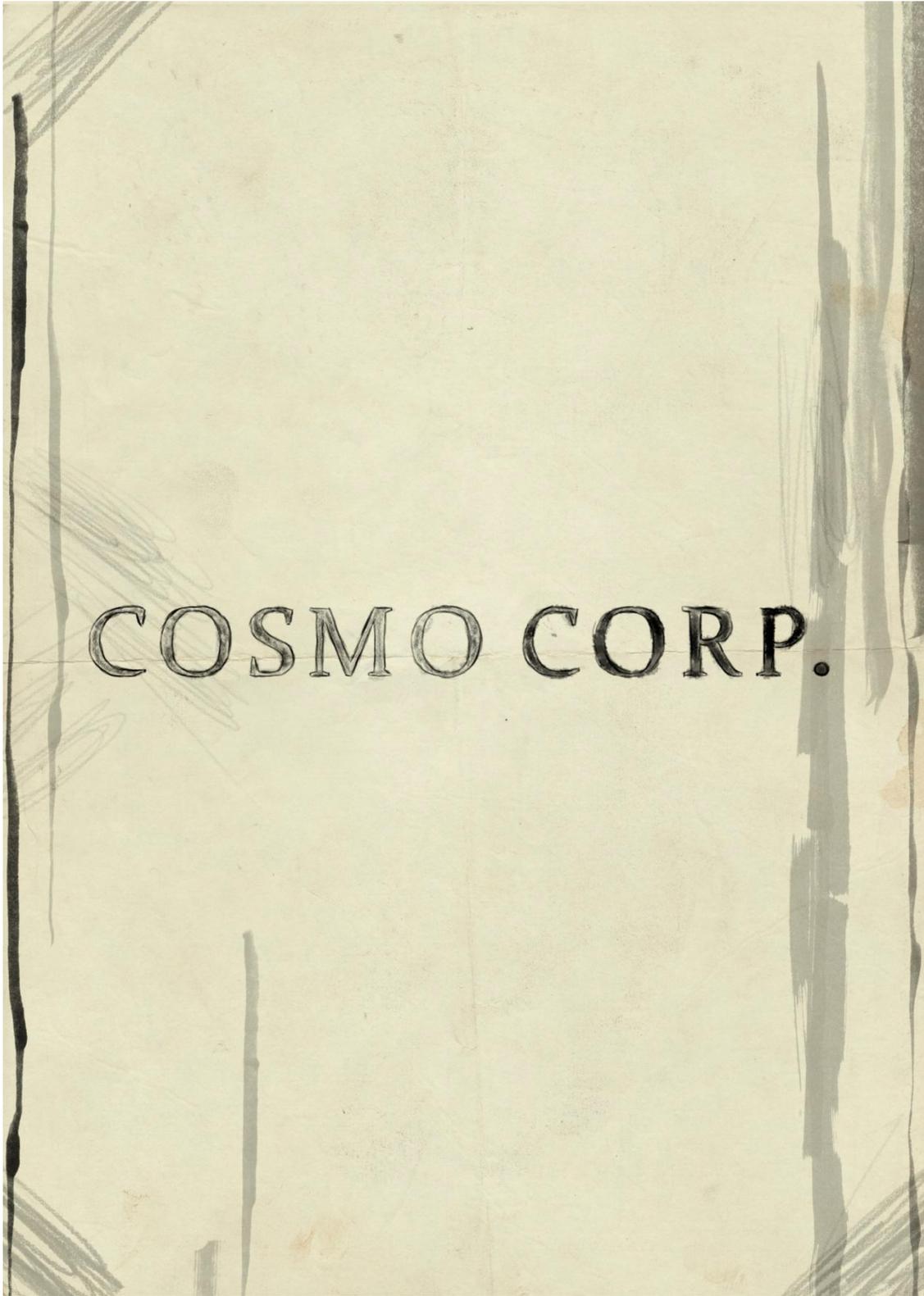
## FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Ao longo de todo o processo de escrita do romance, há uma intensa pesquisa em termos de figuras, desenhos e mapas que possam, de alguma maneira, ajudar a ilustrar meu pensamento. Sinto que há uma espécie de retroalimentação nesse processo, de maneira que em parte há uma ideia inicial, que ganha corpo através das palavras, mas em alguns momentos (não poucos, creio) a visualização da ideia parece-me necessária. Em outros momentos, no entanto, é uma imagem que ativa uma espécie de “gatilho criativo”, a partir do qual vou desenvolver, textualmente, as ideias dali advindas. Segue abaixo uma lista de alguns exemplos desse processo:



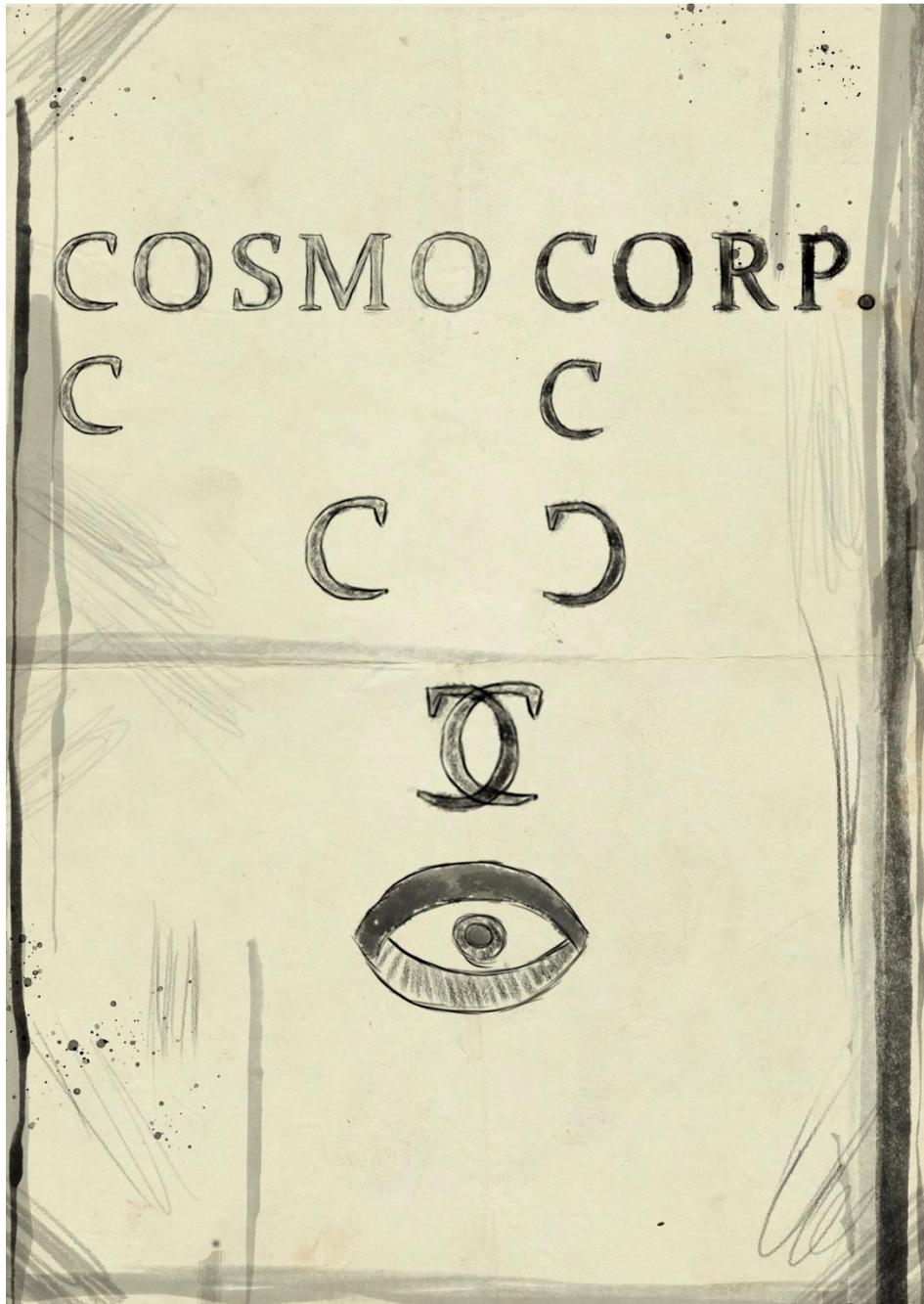
Continente *Sunya* e cenário onde o enredo se desenvolve

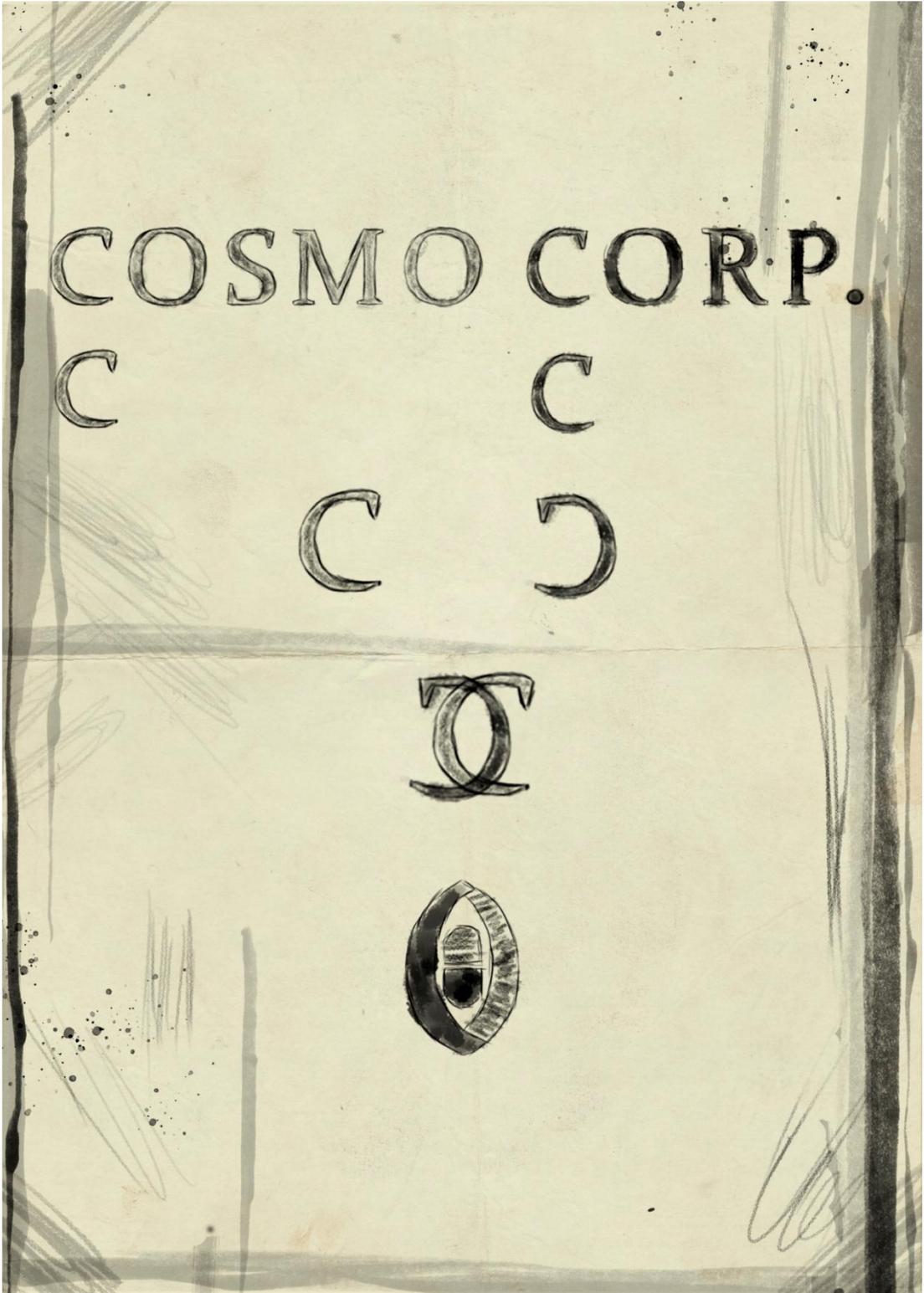
Esboço de uma ideia acerca da empresa *Cosmo*, em etapas. Aqui é válido lembrar que essa empresa atua em pelo menos três grandes áreas, a saber: farmacêutica, cosméticos e engenharia genética.

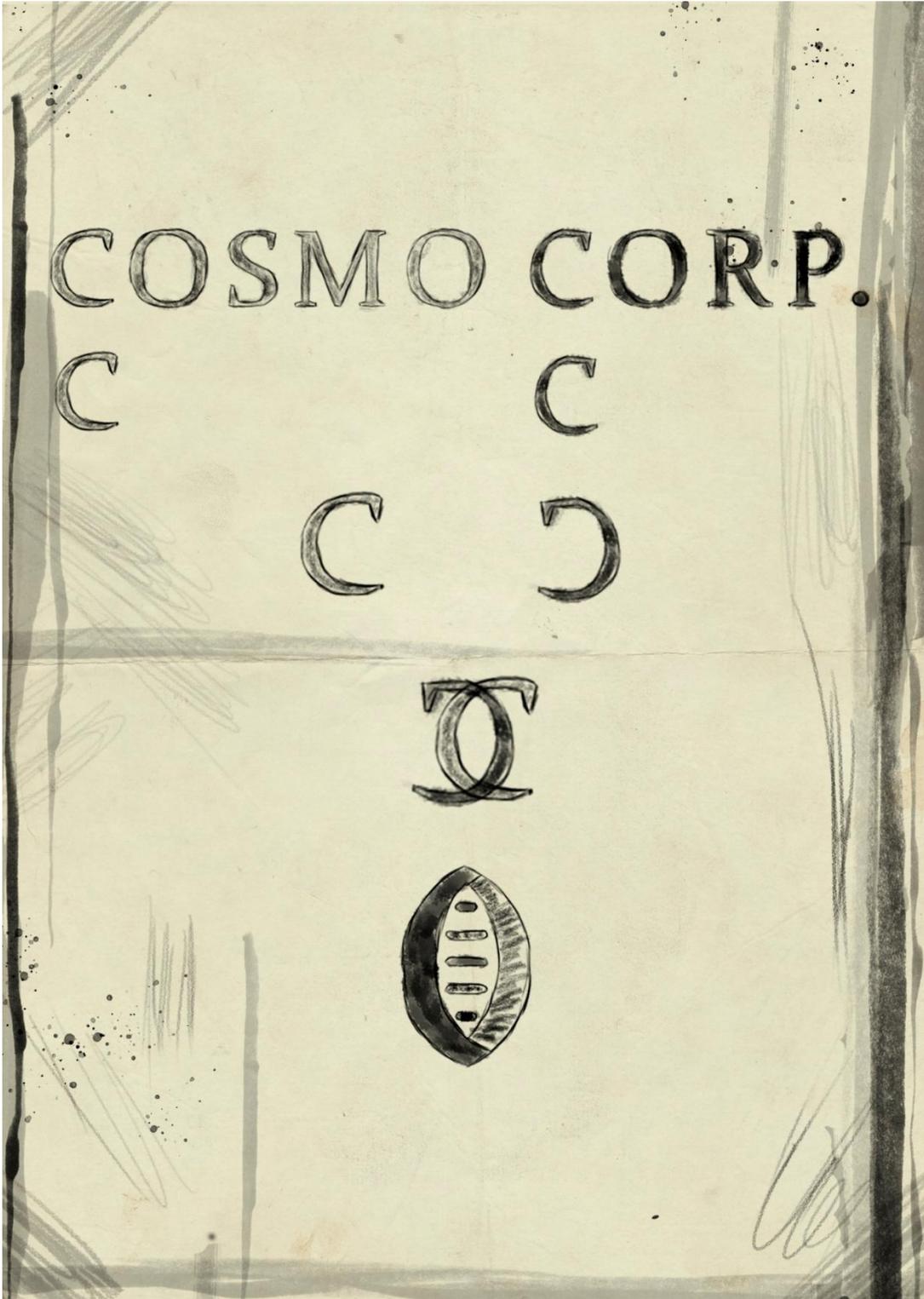


A partir da logomarca da empresa (Cosmo Corporação), pensei em um movimento de deslocamento das letras “C” que iniciam o nome da empresa, de forma que apenas essas letras ficassem no papel (claro que imaginei essa logomarca dinâmica, com movimentos e cores típicas de uma grande tela para propagandas, espécie de outdoor em LED). Posteriormente,

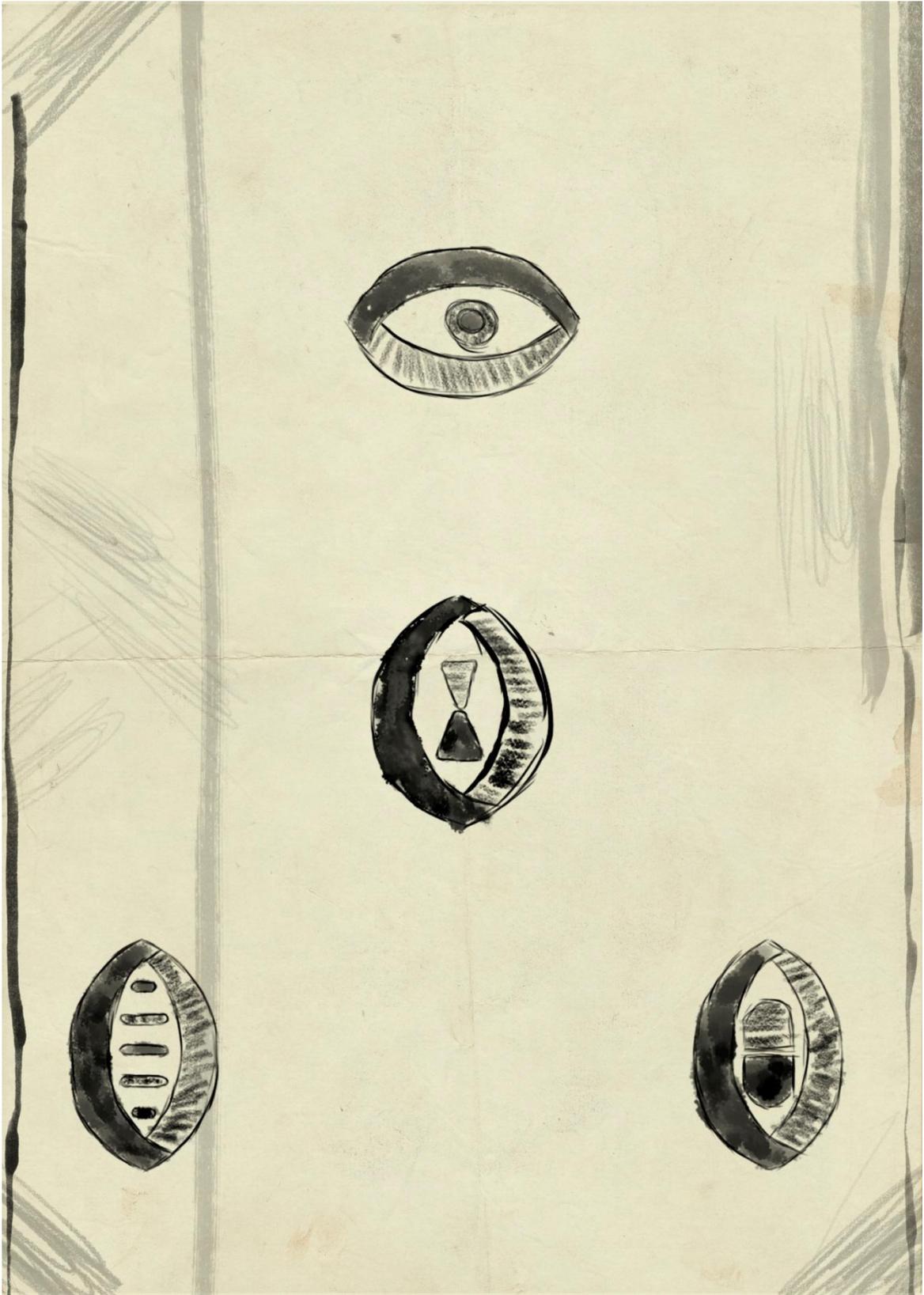
agora com apenas as letras 'C' em destaque, ocorreria uma junção dessas letras, formando uma elipse dentro da qual teríamos algum signo que pudesse simbolizar uma das áreas de atuação da empresa – o olho simbolizaria a beleza; a pílula, a farmacêutica e o DNA a engenharia genética:







Finalmente, esses três signos se dispõem ao redor do signo-mestre da ideia, que seria uma ampulheta, afinal todos os esforços da empresa estavam concentrados em inibir a ação do tempo.



Outra ideia que resolvi colocar no papel de forma gráfica foi a logomarca de *Vidva*,  
nome do:



Nessa logo, tentei colocar todos os elementos da própria palavra (é possível enxergar, com alguma atenção, todas as letras do nome *Vidva* ali dentro), entretanto, parece-me que a grande mensagem estaria exatamente no centro da logo: as duas retas paralelas, compostas pelos lados da letra “V” e da letra “A”, são cortadas por uma outra reta que perpassa todo o quadro da logo. Se o observador virar a logo de modo a colocar esse centro na horizontal, vai perceber que a figura que se forma é uma espécie de símbolo matemático de igualdade (=), mas como esse está cortado por uma reta na diagonal, daria a ideia de diferença ( $\neq$ ).

## APÊNDICE C - CONTOS

### MENORES E DIMINUTOS

Foi na infância que o pequenino descobrira a diferença. Um dia, quando a professora pediu que determinada tarefa fosse colorida, percebeu que os amigos tinham em suas bolsas muitos lápis de cor - algo entre o dobro ou o quádruplo do que ele possuía. Mesmo não sendo bom com números, percebia que os seis pequenos lápis que carregava não eram suficientes para toda a sua imaginação. Até o tamanho dos lápis dos amigos diferia, o que na sua opinião não era tão ruim assim, já que o tamanho da sua espécie era notável mesmo entre as crianças, suas mãozinhas eram bastante adequadas ao lápis menor.

É verdade que na sua sala já não estudavam tantos alunos como ele; a maioria das crianças agora eram filhas e filhos dos representantes da MIPNE, a Missão de Paz da *Negara*, que ocupava a região há muito tempo, o que fazia com que a ilha agora fosse habitada por mais de uma espécie. Ele e seus amigos se divertiam ao repetir a sigla: MIPNE, MIPNE, MIPNE. Era como se depois de algumas iterações aquele acrônimo perdesse todo o sentido, embora continuasse divertido. Às vezes, ouvia os adultos falando que quando a estabilidade fosse alcançada, a MIPNE seria desfeita, mas todo mundo já havia se acostumado aos enormes blindados rondando as ruas e aos homens de uniforme, com armas e capacete, que o assustavam com um mero olhar.

No recreio, as crianças de outras espécies não se juntavam a ele e seus amigos, mas Mikha'el, menino de pele muito branca que veio com os pais lá do Ekam, sempre que possível, lanchava com ele. Quando o sinal do intervalo batia, avisando às crianças que deviam retornar às salas, o único que esperava o pequeno terminar o lanche - o costumeiro pão de trigo - era Mik, que sempre aconselhava: “Ket'cil, pede para sua mãe mandar bolos, biscoitos, alguma coisa mais fácil de engolir. Suco também.” Como essas coisas não eram comuns em casa, Ket'cil nunca se lembrava da recomendação do amigo.

Mas uma coisa ele e os amigos de escola compartilhavam: a ausência de tons de pele nos lápis de cor. Os amigos se retratavam em tons de rosa e bege, o que de alguma forma fazia algum sentido na cabeça do pequenino. Mas ele precisava se esforçar muito com o único tom de marrom disponível para conseguir desenhar algo que lembrasse a si e a sua família, por exemplo. De qualquer forma, ninguém ali dispunha de um lápis que representasse sua cor, então nisso ele também se sentia semelhante. Outra coisa que também tinham em comum era a cor

das palmas da mão. Infelizmente, Ket'cil não sabia, mas essa dúvida seria o início de uma tragédia que mudaria toda a sua vida.

Um dia, ao saírem da escola, Ket'cil e Mikha'el resolveram parar em um bar no centro da cidade. Apesar de não poderem estar naquele lugar, de acordo com a lei, consumidores, donos de estabelecimentos e soldados da *Negara* faziam vista grossa quando uma criança entrava nesse tipo de estabelecimento. Na maioria das vezes, as crianças compravam doces, sucos ou até tabaco para os pais. Os dois meninos admiravam a variedade de doces vendidos ali. O homem atrás do balcão, cujos cabelos e bigode grisalho Ket'cil nunca chegou a ver direito, perguntou, num tom ríspido, se eles iam comprar alguma coisa.

“Pode dar uma bala para cada um, por favor”, falou um homem que estava sentado próximo a uma das saídas. Ket'cil o reconheceu. Era um vizinho da família. Não muito maior que o próprio menino, o homem pagou o atendente, pegou as balas e deu uma para cada menino. Ket'cil observou o movimento das mãos; enquanto o dinheiro ia e a mercadoria vinha, lembrou-se da pergunta que vinha lhe inquietando. Resolveu investigar, começando por Tert'ek, seu vizinho:

“Tert, por que a diferença da cor da nossa pele”, iniciou a pergunta, abrindo a bala e colocando-a na boca, “a palma das nossas mãos é quase da mesma cor?” O homem coçou um pouco a cabeça, como se procurasse em seu repertório um motivo para aquela semelhança. Entretanto, antes que pudesse começar a desenvolver uma explicação, o dono do bar, que ouviu a pergunta do menino, respondeu:

“Ah, menino, essa é fácil. Vocês têm a palma da mão mais clara do que o corpo porque até pouco tempo seus antepassados viviam pendurados em árvores, o que impedia a exposição ao sol. Com o tempo, mais de vocês foram nascendo desse mesmo jeito”. Todos que estavam no bar começaram a gargalhar, exceto Tert'ek e os meninos.

“Mulai, pare de mentir para os pobres garotos!”, gritou um homem, que dividia a mesa com mais dois outros e se sentava do outro lado do balcão.

“Todos sabem” e ao fazer isso ele se inclinou para frente, olhou para os outros clientes, como se explicasse algo sério, “que o Pai-Provedor fez os humanos a partir do barro e, por isso, ele precisou assar para que ficassem bem-feitos”. Nesse momento, Mikha'el e Ket'cil prestavam atenção na explicação divertida do homem.

“O problema foi que alguns ficaram mais tempo no forno e a diferença de tempo de cozimento deu a diferença na tonalidade das peles”, continuava o homem, interrompendo a explanação para dar uma gargalhada aqui e ali, ao mesmo tempo que buscava aprovação dos camaradas de mesa. “Aí vocês me perguntam: mas e as palmas das mãos, por que são diferentes

em quem tem a pele negra? Fácil! Porque quando o Criador terminou, ele precisou lavar as criaturas, mas como a água acabou, alguns só puderam lavar as palmas das mãos e as solas dos pés”.

Então, como se já não suportasse as risadas e as zombarias, Tert'ek levantou a voz, situando-se no meio do bar:

“Vocês sabem realmente o que significa nossas mãos serem iguais, não importando nossa cor, se grandes ou pequenos, de espécie igual ou não?”, falava Tert com uma voz que parecia estar sendo abafada por alguma coisa em sua garganta. “Não sabem? Pois eu conto: fomos feitos assim foi para mostrar que o que os humanos fazem é apenas obra dos humanos. Que o que os humanos fazem é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que, se tivessem juízo, saberiam que antes de serem qualquer outra coisa são apenas humanos. A mão que acaricia e que bate e que sua e que sofre e que trabalha e que cala é a mesma mão...”, dizia o pequeno homem, subindo cada vez mais o tom de voz. Nesse momento, dois *Rakshas* entraram no local. Devido ao tom cada vez mais exacerbado (e até grandiloquente) do discurso de Tert, os homens confundiram sua resposta às provocações com algum tipo de agitação, levante ou chamamento, o que era proibido em territórios onde a *Negara* tinha operações militares desse tipo, também conhecidas por PLO: Proteção da Lei e da Ordem.

“Ei! Nanico! O que tá acontecendo aqui?”, perguntou um dos soldados, já deixando o bastão retrátil visível.

Por algum motivo, Tert'ek só conseguiu reagir com duas ações: primeiro, pegou o que havia de mais pesado e portátil que pôde encontrar - nesse caso, uma garrafa de uma das mesas - e arremessou contra o soldado que estava mais perto. Em seguida correu. A primeira ação resultou em um soldado caído, gritando de dor em meio a profusão de sangue que saía de seu nariz, enquanto da segunda resultaria uma perseguição pelas ruas da cidade, além de uma resposta desproporcional por parte do Marechalato da *Negara*.

Um expectador absorto, que estivesse passando e presenciasse a cena, poderia achar que a garrafa lançada com precisão no nariz do *Raksha* era um mero golpe de sorte. Entretanto, os *halus* eram uma espécie que compensava sua baixa estatura e aparente falta de força física com alguns talentos que contemplavam, mas não se resumiam, a uma potência descomunal para arremessar coisas (em vários locais do território da *Negara*, o porte de funda, estilingue ou qualquer outro dispositivo que pudesse auxiliar um *halus* a arremessar objetos era considerado crime, enquadrado no mesmo caso de quem fosse pego portando arma letal). Corrida e ocultação eram duas outras aptidões pelas quais os *halus* eram conhecidos.

Ket'cil e Mikha'el, confusos e assustados com o rumo que a coisa tomara, não conseguiram pensar em mais nada a não ser correr. Em meio a gritos de “peguem os infratores” os dois meninos fugiram em direção a uma das várias feiras montadas no centro da cidade. Por algum tempo, Mik conseguiu acompanhar o pequenino, mas quando chegaram a um local um pouco mais movimentado, Ket havia desaparecido da visão do amigo. Mikha'el então parou, ainda mais confuso, procurando o companheiro, mas sem sucesso.

Mikha'el não havia percebido quando Ket'cil fora puxado por Tert'ek para trás de uma das barracas. O homem tampava a boca do menino, sinalizando para que ele não falasse nada. Ket ainda conseguiu ouvir um último grito do amigo, chamando por seu nome, mas quando tentou responder foi impedido por Tert'ek, que apontou para um grupo de *Rakshas* que chegava no local, derrubando Mikha'el no chão e o arrastando para longe da visão dos populares que ali estavam. Essa era a última vez que Ket'cil veria o amigo.

Mais tarde, os dois *halus* rumaram para a vila onde Ket'cil imaginava estar seguro. Quando as coisas pareciam um pouco menos perigosas, a dupla escorregou por entre as várias barracas e construções precárias até conseguirem chegar num lugar seguro para conversarem.

“Ket, corre para casa, explica para sua mãe o que aconteceu e fica lá, escondido, até as coisas se acalmarem, tudo bem?”

“Mas”, nesse momento, uma onda de lágrimas irrompeu da face do pequenino, “e o Mik? O que vão fazer com ele?”, perguntava o menino em meio a soluços.

“Olha, não se preocupa com ele. O pai trabalha para a MIPNE, então ele tá seguro. Você tem que se preocupar com você, com sua mãe, com os nossos. Faz o que te falei: vai pra casa e fica lá, quietinho, tudo bem?”

\*\*\*

Durante aquela noite, a MIPNE empreendeu uma série de incursões nas vilas. Muitas vezes recebidos de maneira hostil pelos *halus*, contrários à ocupação, os *Rakshas* respondiam com truculência a quaisquer tentativas de interferência, alegando que só estavam cumprindo ordens. Com a autorização da *Negara*, os soldados agrediam moradores, destruíam propriedades e aterrorizavam uma população já há muito fragilizada com o abandono do Estado.

Ket'cil e sua mãe dormiam na única cama da casa quando ouviram batidas na porta. Embora o olhar aflito da mãe não denunciasse de imediato sua angústia, suas palavras, mais súplicas que ordens, pediam ao garoto que se escondesse.

“Ket, quero que você me prometa que vai se esconder agora e vai ficar bem quietinho e”, os gritos e as batidas lá fora ficavam cada vez mais altos, de maneira que a porta não seguraria os soldados por muito mais tempo, “só vai sair de lá quando eu chamar, tudo bem?”

Bastante trêmulo, o pequeno assentiu com a cabeça, abraçando a mãe, que lhe retribuiu com um beijo na cabeça. Em seguida, subindo em um dos poucos móveis disponíveis no cômodo, o menino desapareceu em uma entrada no forro que, apesar dos vários buracos, poderia servir de esconderijo para alguém daquele tamanho. Assim que sua mãe saiu do cômodo para responder aos gritos dos soldados, Ket’cil lançou mão de uma técnica que ele havia desenvolvido ao longo daquela - breve - infância. Era como se ele sonhasse acordado, fixando o olhar em algum ponto e deixando a mente divagar. Ele lembrava de já ter feito aquilo algumas vezes, como no dia em que lhe contaram que seu pai não voltaria mais para casa, pois havia sido morto, por engano, por um tiro de algum soldado da MIPNE. Claro que ele não acreditava naquilo (como alguns amigos podiam ser cruéis com ele), mas o devaneio o ajudava a suspender, ainda que por pouco tempo, aquela confusão mental que o afligia.

Era como se as ações do mundo real ficassem em segundo plano: os sons (gritos, palavrões, coisas se quebrando, inclusive ossos), as imagens (ele gostava de entrar nesse modo absorto principalmente quando podia olhar para alguma fonte de luz, ainda que pequena, pois o halo ao redor dessa parecia ajudar na manutenção dessa condição de ausência) e os cheiros (embora não fosse época de chuva, o odor de mofo era perene na maioria das casas daquela região) se misturavam numa profusão de sensações que, de maneira paradoxal, pareciam não mais ter o poder de o atingir.

Logo sobreveio o silêncio. Ket’cil cogitou a possibilidade de ir até o outro cômodo para ver o que tinha acontecido, mas lembrou-se da promessa feita à mãe e se manteve inerte no esconderijo. Ficou tanto tempo na mesma posição que acabou adormecendo; e sonhou. Brincava com seu amigo Mikha’el, enquanto sua mãe o observava correr pelos campos que ficavam nos arredores da cidade. Pararam para comer, mas dessa vez Mik não precisou aconselhá-lo sobre o lanche: comia algo tão gostoso, e ao mesmo tempo tão leve, que não se atrasaria para voltar à sala, onde vários amigos, todos *halus*, o ajudavam a escolher um lápis de cor em meio à miríade de tons que agora ele podia usar.

## FILHOS DA GUERRA

A crença em guerras travadas com botões e teclas é uma falácia. Claro, em tempos de guerra, parte da humanidade se esforça para avançar, de maneira exponencial, seus recursos tecnológicos para, então, vencer o assim chamado ‘inimigo’ (outra variante de ação seria a completa destruição da tecnologia e infraestrutura desse antagonista). Entretanto, analisando as últimas guerras – pelo menos aquelas após a formalização da *Negara* -, podemos tirar duas lições: a primeira é que a história nos ensina que nada aprendemos com ela; a segunda, tão importante quanto a primeira (já que o humano é um animal histórico) é que em toda guerra nós aprendemos, de novo, que a figura humana é suprema. Isto significa dizer que é o soldado que luta quem vence as batalhas; que lutar significa usar armas e que é o coração do soldado que controla o emprego dessas. Essa é uma lição que estamos sempre a ponto de esquecer.

\*\*\*

“O campo de batalha é o epítome da guerra”, lembrava Irina das palavras do instrutor em seu último treinamento, enquanto vestia sua farda para mais uma ronda nos arredores da cidade. Aquela não era sua primeira missão de paz – ou, como os políticos da *Negara* chamavam, ‘missões de estabilização’ -, mas seria, em pouco tempo, a mais importante. Ela já estava no exército há sete anos, dos quais dois estavam sendo dedicados a essa missão, e daqui a um ano seu contrato terminaria. Além dos Marçais, responsáveis pela segurança pública, a *Negara* criou o Comitê de Relações Militares Permanentes e Extemporâneas (CORMIPE), responsável pela segurança nacional, incluindo a defesa da soberania das áreas sob a administração da *Negara*, principalmente fronteiras. Entretanto, como a carreira militar tornou-se muito atrativa (salário garantido, estabilidade e toda a estrutura que o emprego ofertava, pelo menos em tempos de paz, abundantes na era após as Grandes Expansões), a *Negara* criou um sistema de vínculo temporário, no qual, após trabalhar por oito anos, o sujeito era dispensado, o que desonerava os cofres, pois diminuía a responsabilidade do Estado. Médicos, dentistas, especialistas em logística e vários outros perfis profissionais acabavam sendo absorvidos pelo Comitê, que garantia emprego por pelo menos enquanto durasse o contrato.

Irina, que se formara em Química relativamente nova – seus pais, que haviam nascido e crescido nas gélidas montanhas do continente Dve antes de emigrarem para Sunya, sempre lhe impuseram um ritmo consistente de dedicação aos estudos -, também foi atraída por esse

sistema. Chamada para ajudar nas questões sanitárias da ilha por causa de sua formação – principalmente no tratamento da água, já que uma das causas de morte mais comuns na ilha à época eram os surtos de cólera -, Irina era constantemente lembrada por seus superiores de que era militar antes de tudo, ou seja, sua primeira obrigação era com o cumprimento de ordens. Durante aqueles anos, ela introjetou esse estado de coisas, de maneira que quando chegou à ilha, eram raras as missões que envolviam, de fato, a química. Pouco após sua chegada, foi designada para comandar um Grupo de Combate (mais conhecidos como GCs). Responsável por uma esquadra – que por sua vez era composta por dois soldados atiradores, responsáveis pela execução dos tiros da arma automática (nas ações do CORMIPE era utilizado um fuzil automático pesado NFAP), e dois soldados fuzileiros, elementos de manobra, equipados com fuzis NA2 e pistolas N11973 -, ela havia conseguido criar um clima de camaradagem entre seus subordinados. Desenvolvera, também, uma relação de amizade com outra comandante de GC, a enfermeira Giza, com quem travava longas conversas pelo comunicador nas noites de patrulha.

“Como estão as coisas por aí, Giza”, perguntou Irina, que parara para acender um cigarro.

“Tirando as perguntas que esses recém ex adolescentes me fazem, como ‘um amigo meu tá com uma dúvida sobre camisinha etc.’, aqui tem ficado bem tranquilo, e aí?”, respondeu Giza, que ouvia do outro lado da linha uma risada abafada.

“Você se lembra como era esse sentimento, Giza? Digo, na sua época de adolescente, aquela certeza das coisas, como se pudéssemos fazer tudo, misturado ao caos identitário e às escolhas que, embora parecessem infinitas, se afunilaram e nos transformaram nisso que somos hoje...”, perguntou Irina, assistindo a fumaça saindo devagar de suas narinas, borrando a visão daquele céu muito mais claro do que ela se recordava de ver de dentro das cidades da *Negara*.

“Lembro, Irina”, respondeu Giza, tirando o cantil da cintura e dando uma longa golada, “mas confesso que não tenho nenhuma saudade. A gente não sabe como resolver nenhum problema, ou talvez enxerguemos problema em tudo. A verdade é que a minha adolescência não foi nada fácil. A sua foi?”.

“Ah, meus pais sempre foram muito exigentes, mas eu conseguia me virar bem. Tenho saudade daquela responsabilidade inofensiva, sabe, aquela que mesmo deixando de fazer no final as coisas se acertavam. Hoje, que já estamos quase nos trinta, parece que todas aquelas promessas de um futuro brilhante, de um trabalho que iria nos preencher, de amizades duradouras, parece que tudo aquilo foi uma grande mentira”.

“Você está bem, Irina?”, perguntou Giza, com um tom de deboche.

“Estou sim, Giza, mas é que você mencionou as dúvidas dos soldados e eu fiquei pensando no futuro desses meninos. Quando o serviço obrigatório deles terminar, o que vão fazer? Eles vão ter dedicado quase uma década à proteção da *Negara*, alguns arriscando suas vidas, literalmente, como é o caso dos que estão aqui com a gente, mas e depois? Eu e você nos formamos, temos uma profissão, mas eu não me lembro de ver ofertas de emprego para fuzileiros”.

“Acho que isso é o seu instinto materno falando, Irina”, disse Giza, caindo na gargalhada.

“Vira essa boca pra lá, mulher!”, respondeu Irina, rindo, “Olha, nosso papo tá muito bom, mas minha esquadra tá chegando da patrulha, preciso desligar. Fica bem!”

“Fica bem também, Irina! Até mais”.

\*\*\*

Embora suas patrulhas não tivessem alterações significativas (sua equipe estava em uma região em que as agitações aconteciam por conta de brigas de vizinhos, disputas por terreno ou outras situações que, em um local com uma mínima infraestrutura, material e burocrática, aquilo seria resolvido pela polícia ou por outro órgão competente, e não o exército), Irina se lembraria para sempre de três momentos de sua permanência na ilha, todos eles começando com um chamado no comunicador.

“Atenção unidades próximas ao setor N-5, solicito apoio no setor C+5; tiros disparados, combate engajado, pelo menos um soldado ferido; repito, combate engajado, solicito GC ECD”, ouviu Irina, atenta, à voz de um oficial no rádio e, como seu GC era o mais próximo, sem hesitação ela e sua esquadra rumaram para o local indicado.

Logo quando chegou, a missão tratou de dividir a ilha em setores (que mais tarde seriam chamados de departamentos): Norte, Centro e Sul. A base das forças estava num ponto central da ilha (onde seria, mais tarde, criada uma capital), de forma que todas as localizações eram dadas a partir desse ponto, que destoava dos outros setores, pois se a região central era menor e mais fácil de ser vigiada, Norte e Sul eram bem maiores, com faixas de terra que se abriam ao Norte e uma extensa faixa que se estendia no sentido Leste-Oeste.

A ilha era composta por pelo menos dez milhões de habitantes, metade desses alfabetizados e com uma faixa etária média de 22 anos. Poucas rodovias eram pavimentadas e a mortalidade infantil, quase três vezes maior do que nas regiões onde a *Negara* já havia se

consolidado. A missão do exército ali era, a bem da verdade, muito maior do que sua competência, isto é, por mais que o orçamento empregasse cada vez mais soldados e profissionais temporários, eles não poderiam criar a autonomia que a *Negara* desejava para a região.

O plano inicial era fazer uma missão que fosse capaz de manter a segurança dos habitantes da ilha, a maioria *halus*, enquanto apoiava a formação de um governo local, leal aos Princípios & Parâmetros da *Negara*. Entretanto, quando as forças chegaram à ilha, se depararam com uma situação bastante além do escopo da missão inicial: fome, doenças, falta de saneamento básico e infraestrutura eram só alguns dos multifacetados problemas a serem resolvidos. Por conta dessa falta de governo centralizado (essa era a teoria vigente), o índice de criminalidade na ilha era muito alto, com a formação de gangues armadas e organizadas. Em geral, essas quadrilhas criavam pequenos territórios, onde mantinham poder supremo: o comércio só era permitido com os estabelecimentos que atendiam aos “critérios de qualidade” da gangue; remédios, médicos e insumos básicos de saúde só entravam nessas regiões após passarem por uma inspeção minuciosa; a questão começa a tomar proporções mais trágicas quando, além de resolverem expandir seu território, tais grupos armados começam a disputar território.

Quando o GC chegou à posição indicada, logo perceberam que a situação era séria. Carros tombados e incendiados, rajadas de armas de fogo e explosões compunham um tipo de cenário no qual seus soldados estariam pela primeira vez. Irina já estivera em situações parecidas, mas aquela lembrava as descrições de campos de batalha que lia em livros que falavam sobre guerras.

“Recebemos ordens para procurar e prender o ‘Claro’”, dizia o oficial que recebera o GC de Irina, “mas como era de se esperar, fazer operações de busca e apreensão no meio de uma missão de estabilização não poderia ter outro resultado”.

“Mas senhor, esse ‘Claro’ não estava preso?”, perguntou Irina, com uma surpresa e uma revolta genuínas.

“Irina, não seja ingênua! Esse homem está envolvido com tráfico de armas muito antes de ser expulso do CORMIPE. Corre muito dinheiro por trás dessas operações e, como você já deve ter percebido, pessoas com muito dinheiro não ficam presas. Aliás, nós só pudemos fazer essa operação por causa da PLO vigente; do contrário, ele ainda seria apenas mais um ‘empresário’”, respondeu o oficial.

Enquanto conversavam, tanto Irina quanto o oficial davam ordens, via rádio, para suas esquadras e se preparavam para, a qualquer momento, entrarem em ação. Menos de dez minutos se passaram quando o comunicador do oficial chamou:

“Senhor”, dizia a voz de um soldado pelo rádio, “conseguimos encontrar o 02 numa viela, a uns dois quilômetros da base. Ele está ferido, mas a estabilização do ferimento já foi feita”.

“Ótimo, 03, vocês conseguem trazê-lo, ou precisam de apoio?”, respondeu o oficial.

“Podemos levá-lo, senhor, mas o 01 e o 04 do GC de apoio estão atrás do Claro”, prosseguiu o soldado.

“Irina, dois dos seus estão perseguindo o Claro. Vamos dar apoio aos dois soldados que ficaram e retornar”, falava o oficial, quando Irina o interrompeu.

“Senhor, permissão para buscar meus soldados”, pedia a mulher, em posição de sentido.

“É arriscado demais, Irina, permissão negada. Vamos fazer o que falei e pronto”, respondeu o oficial, já dando partida no veículo e arrancando depressa.

Ao chegarem no local, Irina e o oficial auxiliaram o companheiro a colocar aquele que estava machucado no veículo. Ele havia levado dois tiros na perna, um de raspão e outro que, à primeira vista, havia atravessado sua fíbula. Vendo que, embora inspirasse cuidados, a situação do garoto era estável, Irina insistiu:

“Senhor, eu devo buscar meus soldados. Não posso deixá-los perseguirem o Claro sem apoio. Afinal, não viemos aqui para prendê-lo?”

“Irina, já perdemos a posição deles. Além do mais, uma hora dessas, seus soldados já estão voltando; eles não vão conseguir alcançar esses caras”, replicou o oficial.

“Mas e se os soldados conseguiram, de alguma forma, encurrular o pessoal do Claro, ou prender alguém da gangue? Isso pode ser um ganho, podemos descobrir mais coisas a respeito de como funciona essa máfia toda”, argumentou Irina”.

“Porra, Irina! Você tá querendo ferrar a gente, né?”, gritou o oficial. “Eu já falei que não! Não vou arriscar meu pescoço por causa de um moleque inconsequente. Tenho família, mulher e filhos. Se quiser, vá sozinha!”.

Irina, que não era acostumada a desobedecer a nenhuma ordem, sentiu que jamais se perdoaria se não fosse ao socorro daqueles soldados. O oficial entrou no carro, deu a partida, mas percebeu que Irina não entrara. Ela estava do lado de fora, prestando continência para ele e, após uma troca de olhares, a mulher saiu correndo na direção da noite.

\*\*\*

A noite na ilha era quente, o que dificultava um rápido deslocamento a pé, não só por causa da temperatura – Irina vivera a maior parte de sua vida em regiões geladas -, mas pela quantidade de mosquitos que entravam em seus olhos ou boca, quando respirava. Além disso, a farda e o equipamento de combate eram muito pesados, o que tornava a corrida uma tarefa ainda mais árdua – a *Negara* ainda gastaria muito de seu orçamento investindo em equipamentos cada vez mais eficientes para essas guerras que, embora mais esporádicas, pareciam inevitáveis.

As vielas estreitas da ilha eram um imenso labirinto para aqueles que não moravam ali. As casas, a maioria sem acabamento externo, pareciam todas iguais e, como que pressentindo o que acontecia, ninguém saía de casa nesse momento. Irina se lembrou de um dos treinamentos que fizera quando designada para sua primeira missão de paz: ela e um grupo de oficiais recém-incorporados precisavam passar por uma espécie de labirinto, com várias barracas. A surpresa era que, quando em vez, uma janela abria e o militar precisava ser rápido o suficiente para distinguir um alvo (que nos desenhos do treinamento eram monstros) de um civil. Era um treinamento muito difícil, pois geralmente era feito após privação de sono e longas marchas. Para sua sorte, nenhuma das janelas reais se abriu naquele momento, embora o barulho de tiros ali perto tenha trazido Irina de volta para sua real situação: apesar de armada e bem equipada, ela estava sozinha, no meio da noite em uma região perigosa e prestes a tentar salvar dois soldados estúpidos de uma gangue armada e igualmente perigosa.

“01, qual sua posição?”, perguntou Irina, pelo comunicador, mas só pôde ouvir estática do outro lado.

Ela resolveu seguir, de qualquer maneira, na direção dos tiros que ouvira. Aos poucos, o terreno começava a mudar: a visão de casas ia ficando menos frequente e o terreno ia ganhando caimento. Agora ela podia perceber que o caminho levava para uma área onde corria um esgoto a céu aberto e, pelo tamanho do córrego, provavelmente todos os dejetos produzidos na região escoavam para ali.

“04, qual sua posição?”, insistiu Irina, mas de novo não houve resposta.

Ao atravessar o córrego — uma ponte de madeira, improvisada, do mesmo tipo de material que compunha a estrutura de muitos barracões ali perto — Irina ouviu, mais uma vez, sons de disparos, só que dessa vez os tiros eram de fuzil. Com o tempo, ficava fácil distinguir os diferentes sons que cada calibre fazia: os disparos de armas menores geravam um estampido seco, ao passo que os tiros de armas maiores, como os fuzis, reverberavam o som da detonação

do projétil, indicando, pelo timbre, o peso e a força destrutiva de cada arma. Imaginando que os soldados agora estariam engajados em combate, Irina redobrou o cuidado, tentando fazer menos barulho, mas sem perder a velocidade. O terreno começava a se tornar escarpado. Irina podia perceber que um novo conjunto de casas começava a surgir. Mais um disparo, alguns gritos e silêncio.

“Senhora”, chamou o soldado 04 pelo comunicador, “fomos emboscados próximo a um conjunto de casas. Não conseguimos avançar, tampouco retroceder”, relatou o jovem combatente.

“Me envie sua posição, 04. Onde está o 01?”, perguntou Irina, conferindo na tela de seu monitor de pulso a localização do soldado.

“Ele está preso também, um pouco mais a frente, próximo a um dos córregos”, relatou o soldado.

“Mantenha a posição que eu estou me aproximando”, disse Irina, aumentando a velocidade de sua corrida em direção aos seus subordinados.

Os *adribhu* foram a espécie humana que mais viveu em regiões montanhosas e, por essa razão, seu corpo era muito bem-preparado para a privação de oxigênio em grandes altitudes, o que beneficiava Irina toda a vez que ela precisava fazer incursões em terrenos acidentados, de tal forma que não demorou muito para que a mulher vencesse o terreno íngreme e, pouco depois, já pudesse ver onde estava 04.

“04, já consigo te ver. Vou te dar cobertura e você corre para cá, na direção da base, entendido?”, disse Irina pelo comunicador.

Havia entre eles um pequeno descampado, acompanhado de um amontoado de casas, e o soldado estava encurralado a uns duzentos metros, em uma brecha, um vão criado pela pequena distância entre as casas. De onde ela estava já era possível ver também, ao longe, um morrote, igualmente coberto de barracões, de onde alguns tiros pareciam vir. Encostada em uma das casas que estavam no início do conjunto, Irina sacou seu fuzil, montando a luneta com a qual, de maneira veloz, tentou divisar na elevação quem ou pelo menos quantas pessoas estavam atacando o soldado. Mais um estampido seco, acompanhado de uma detonação mais intensa, e Irina resolveu entrar naquele corredor formado pelas casas. Empunhando o fuzil, ela precisou disparar pelo menos três vezes até chegar na posição onde estava 04.

“Você está bem?” perguntou Irina.

“Sim senhora. Mas o 01 ficou preso lá na frente. Acho que ele tá entrincheirado no córrego”, relatou o soldado.

“Nós vamos lá resgatá-lo. A gente se divide da seguinte maneira: daqui a duas casas tem uma bifurcação. Você pega a outra entrada e nós vamos atirando, caso o fogo inimigo não pare. Precisamos tentar pelo menos dar cobertura para ele sair daquela emboscada, entendeu?”, explicou Irina.

Recebendo um aceno de cabeça positivo do soldado que, ela pôde perceber, tremia, os dois iniciaram a manobra. Os tiros inimigos se intensificaram por um tempo, mas, Irina pensaria depois, os bandidos talvez tenham pensado que outros soldados estavam a caminho e resolveram bater em retirada. O córrego estava num declive e era parecido com o anterior que Irina passara, com a diferença de que nesse não havia ponte. Os moradores usavam um conjunto de aduelas de concreto (espécie de manilhas retangulares, com tamanhos que variavam entre dois e três metros) para chegar ao outro lado – as aduelas haviam sido colocadas ali para uma obra de infraestrutura que, assim como várias outras, nunca chegou a ser concluída. Ainda muito desconfiados do cessar fogo inimigo, Irina e o soldado avançaram, passo a passo, em direção daquele conjunto composto por grandes blocos de concreto. A maioria não estava encaixada e Irina percebeu que dentro de uma dessas aduelas havia alguém. Desceram o pequeno declive que levava ao centro do córrego, ainda mantendo todo o cuidado. Perceberam que quem estava ali era o soldado 01, mas imóvel. Ele estava recostado em uma das peças, e Irina pensou, de início, que ele podia estar ferido, ou até mesmo morto. Como não acenderam lanternas, na tentativa de evitar chamar a atenção, era difícil dizer se 01 estava de olhos fechados ou abertos e se o sangue, que agora era possível enxergar, saía dele ou já estava ali. Foi só quando ficaram frente a frente com ele que puderam perceber: sentado ao lado de um corpo, ele segurava, muito trêmulo, um papel pequeno, e estava com a farda bastante suja de sangue, mas não parecia ser seu.

“01, o que aconteceu?”, perguntou Irina, que pôde perceber que o garoto olhava para frente, em uma espécie de torpor.

“Eu...pedi pra ele parar...ele atirou...eu não...”, o soldado tentava explicar, mas as palavras lhe faltavam.

Irina abaixou-se ao lado do garoto e pegou o pequeno papel: era um documento de identificação do corpo que ali estava. Um garoto, com a mesma idade dos soldados.

“Ele...disse que não queria morrer...que queria ajudar a mãe...o irmão...que ia ser médico...”, soluçava 01, enquanto seu companheiro o tentava consolar, “mas ele atirou primeiro”, completou o soldado, olhando para a pistola que estava ao lado do corpo do outro garoto, “eu...só me defendi...”.

Era claro que esses garotos nunca tinham entrado em combate real antes, o que tornava aquela morte algo devastador para aquele jovem. Irina, que também não tinha presenciado mortes em combate, estava bastante abalada, mas não podia demonstrar isso para seus subordinados.

“Vocês fumam?”, perguntou a mulher, esticando o maço de cigarros na direção dos dois soldados.

Enquanto tragava, Irina pensou na conversa que tivera com Giza. O que seria desses jovens? Ao olhar novamente para o documento de identificação, ela não podia deixar de notar a ironia posta naquela cena, pois em várias cidades da *Negara*, aquele soldado, que acabara de matar um outro jovem, não poderia comprar um maço de cigarros por não ter idade suficiente. Seus pensamentos foram interrompidos pelo som de veículos que se aproximavam: o resgate chegara.

\*\*\*

Duas semanas se passaram desde o combate entre o exército e os homens (talvez fosse mais correto chamá-los de garotos) de Claro. Irina estava presa — havia desrespeitado um oficial superior, portanto foi punida — e o criminoso tinha conseguido se esconder novamente. A prisão dos militares nem sempre era realizada nos moldes clássicos, isto é, muitas vezes estar preso significava apenas que o agente não poderia deixar determinada instalação do CORMIPE — quartéis, no caso das cidades da *Negara*, ou tendas improvisadas, no caso de bases avançadas em regiões remotas. Além de ficar restrito ao perímetro da tenda (uma barraca de dezoito metros quadrados), estar preso também significava estar sem comunicação externa e sem suas armas. O oficial a quem Irina desobedecera ordenou que Giza fosse destacada para comandar o GC outrora chefiado por Irina, além de ficar responsável pela manutenção de seu encarceramento.

Pouco mais de um mês se passara agora desde o recolhimento de Irina. No início, a situação toda era um disparate: ela não podia fazer nada, embora cada vez mais as forças precisassem de contingente. Giza, que tinha papel fundamental na ação do CORMIPE naquela região — seus serviços como profissional da saúde eram imprescindíveis em um local onde conflito, miséria e doenças eram ubíquos —, era obrigada a vigiar alguém que era sua igual. A única coisa boa advinda de todo esse contrassenso era que as duas podiam conversar sempre que não houvesse nenhum outro oficial lá perto.

“Acho que não vão renovar meu contrato”, disse Irina, de maneira sarcástica.

“E se continuarmos conversando assim, também não renovam o meu”, respondeu Giza, gargalhando. Elas sabiam muito bem que não ficariam mais do que um ano ali. O contrato era explícito ao estabelecer que ninguém seria contratado por período superior a oito anos e ambas as oficiais estavam em seu último ano de serviço.

“Você sabe o que fez foi loucura, né?”, disse Giza, saindo do perímetro da barraca para acender um cigarro. “Você se arriscou muito, Irina. Eu sei que eles precisavam de ajuda, mas o certo seria recuar e pedir reforços e não se embrenhar no meio dessas vielas”, continuou a mulher, passando o cigarro para Irina, que estava na porta da barraca.

“É, eu sei. Mas imaginei o terror que poderiam estar passando; a única ação que me pareceu razoável foi emprenhar, digo”, Giza a olhou, forçando uma expressão que misturava gargalhada e surpresa, “me embrenhar em meio àquelas construções e córregos, ainda que eu tenha chegado tarde”, respondeu Irina, enquanto dava um longo trago.

Durante o tempo em que Irina estava presa, era comum ela se pegar revivendo em sua cabeça aquilo que acontecera com 01, cujo nome era Safi. Ela, que nunca havia tirado a vida de ninguém, imaginava, com pesar, o quão terrível deveria ser aquela sensação. Em condições normais, um soldado que, engajado em combate, ferisse, mesmo que fatalmente, uma outra pessoa, estava liberado de quaisquer possibilidades de processo – exceto de sua própria consciência. Na verdade, quando esse tipo de situação acontecia, os soldados eram liberados do serviço, ou pelo menos afastados temporariamente para cuidados médicos e psicológicos. Entretanto, como aquela intervenção configurava uma situação excepcional, os responsáveis pela ação acharam melhor manter o jovem na ilha, mas evitando mandá-lo a situações potencialmente perigosas. O que nem o CORMIPE, nem os interventores podiam prever era que a proximidade entre o jovem e a oficial presa, naquela clausura contingente, geraria um sentimento de mútuo afeto entre os dois.

No início, as conversas entre os dois se resumiam a pequenos cumprimentos, nos quais Irina sempre perguntava como estava o jovem, que se limitava a responder que estava bem, obrigado. Entretanto, em uma das ausências de Giza – devido à escassez de profissionais da saúde no quadro de oficiais do CORMIPE, não era incomum que sua presença fosse exigida em algum outro lugar da ilha -, o jovem, que se moderava a responder o trivial, como que sufocado, respondeu de maneira ríspida:

“Está tudo errado, senhora, tudo errado!”, gritou o soldado, com os olhos marejados e a voz embargada.

“Ei, calma, o que aconteceu?”, perguntou Irina, surpresa com a reação do jovem.

“O que aconteceu é que eu deveria estar preso, não a senhora. Eu fui estúpido em não pedir reforço e ser encurralado. Eu que arrisquei a sua vida e a vida do 04”, respondeu o soldado. Irina pôde perceber que de acordo com que as palavras saíam, as lágrimas também começavam a brotar na face ruborizada do jovem. “O que aconteceu é que eu matei uma pessoa...”. Nesse momento, Safi desabou a chorar e foi amparado pelo ombro de Irina. Na verdade, Irina era mais alta do que o garoto, de maneira que o rosto do soldado, quente e úmido por conta do pranto, estava encostado junto aos seios da oficial. De repente, como que num impulso natural, o amparo tornou-se carícia.

\*\*\*

Devido à falta de oficiais nos quadros da CORMIPE, a pena de Irina havia sido reduzida para três meses – em situações normais, ela ficaria pelo menos seis meses reclusa, além de ser processada -, de forma que quando sua sentença terminou seu relacionamento com Safi já fazia quase dois meses. Entre encontros intensos, mas fugazes – “guerras longas, amores curtos”, dizia uma pichação na entrada da ilha -, eles nutriam ali algo que nenhum dos dois jamais imaginara sentir. É claro, Irina, mais velha, tivera outros relacionamentos aos quais ela julgou poder chamar de amor, mas naquele cenário de devastação, a beleza daquele sentimento era realçada de uma maneira inexplicável. Giza, que soubera de tudo pela própria Irina, alertou a amiga:

“Olha, Irina, eu sei que é lindo o que vocês sentem um pelo outro, mas aqui não é o lugar para isso, em absoluto. Você já pensou no que pode acontecer a vocês dois se o interventor descobre o que vocês andam fazendo?”.

“Eu sei, Giza, e você está coberta de razão, mas é que eu não posso evitar; não podemos evitar, essa é a verdade”, respondeu Irina. “Mas nós já conversamos e concordamos em não termos mais nenhum tipo de relação enquanto a intervenção durar, a não ser, é claro, a de superior e subordinado. Ano que vem eu me desligo, talvez vá para Bab’el ou algum outro lugar onde possa, enfim, exercer minha profissão e Safi, mesmo sem ter terminado seu tempo, vai pedir desligamento”.

A cada sentença pronunciada, Irina sentia como se aquelas palavras morressem no sopé da montanha da realidade — onde jaziam outras tantas promessas idealizadas. Antes mesmo que pudesse ter tempo de elaborar aquela angústia — uma espécie de anseio pelo pior —, os comunicadores de ambas as oficiais chamaram, dando ordens para que todos os Grupos de

Combate próximos à região C+4 se apresentassem ECD para possível engajamento imediato. Ouvindo isso, Irina sentiu um calafrio ao avistar Safi se aproximando, pronto para a missão; um medo incomum, do qual ela tentou se esquivar, focando apenas na preparação de seu GC.

No blindado já esperavam por ela, além de sua esquadra, o oficial a quem ela desacatara. Ele estava sério e ordenou que Safi fosse no blindado junto com Giza, e não com eles.

“Mas senhor, ele pertence ao meu GC”, argumentou Irina.

“Eu vou com vocês aqui e ele vai com a Giza, Irina. Sem discussão porque não temos tempo a perder”.

No caminho, o oficial passou a situação para os subordinados: um *halus*, acompanhado de mais dois elementos, havia agredido um soldado e fugido para uma das vilas mais próximas à costa, o que desencadeara uma operação de busca no local. Para piorar, o filho mais novo de um servidor do CORMIPE havia desaparecido e moradores estavam espalhando a notícia de que ele teria sido levado pelos próprios militares, que o confundiram com algum agitador local, mesmo ele não sendo *halus*. Com isso, aquela região se tornara um barril de pólvora, com saques acontecendo em lojas, protestos e vandalismo nas ruas centrais, em paralelo com as ações dos militares nas casas, na tentativa de encontrar o agressor. Como se todo o caos não bastasse, o meliante Claro e seus homens foram vistos em áreas distintas dessa mesma vila. A missão daquele CG seria dispersar aqueles que faziam baderna nas ruas centrais, enquanto o outro CG, comandado por Giza, tentaria localizar e prender o Claro ou algum de seus homens que pudesse dar pistas de seu paradeiro.

Enquanto caminhava pelas ruas da ilha, afugentando manifestantes ou impedindo que pessoas se machucassem, Irina não conseguia parar de pensar em Safi. Mais uma vez ele estaria envolvido em um potencial confronto direto; e se alguém quisesse vingança pelo que ele fizera? Tentando conciliar o foco na missão com a angústia de ter alguém que se ama em uma situação de perigo, ela cumpria a tarefa da melhor maneira que podia, não deixando de notar que a maioria dos cidadãos que ali estavam eram *halus*: a maioria com pouco mais de um metro de altura, dentes grandes — se comparados às pequenas cabeças —, ombros arqueados para frente, uma quase ausência de queixo, testa recuada e pés que pareciam ser muito grandes, mas era o efeito de comparação com suas pernas. Apesar da distinção física, o que mais chamava a atenção de Irina era que todos pareciam muito sujos e malnutridos, saqueando comércios de alimentação. Antes mesmo que pudesse fazer as considerações mentais sobre o que aqueles sinais e atitudes poderiam significar, ela foi chamada no comunicador por Giza:

“Irina, depressa, corre para a posição que estou te enviando aí agora...”, Giza disse, com um desespero na voz, “é o Safi, ele...foi ferido, vem pra cá agora!”.

Muito tempo depois daquela noite Irina ainda teria dificuldade para se lembrar do que se passou desde o momento em que deixou sua posição, pegou o blindado — o que estava em pleno desacordo com sua missão, mas ali já não importava mais — e foi até a localização enviada por Giza. Ao chegar no local, ela percebeu que Safi estava nos braços de Giza, deitado e se debatendo. Ela quase caiu ao descer do blindado, pois suas pernas vacilavam, tremendo como ela nunca sentira e cada passo em direção aos dois parecia lhe drenar a força para continuar andando.

“Irina! Irina! Irina!”, gritava o garoto, como alguém que clama por socorro imediato. Havia uma rachadura no capacete do soldado, que tinha o rosto ensanguentado e parecia não responder a quaisquer estímulos, apesar de ainda se contorcer nos braços de Giza.

“Estou aqui, Safi, sou eu, Irina”, disse a oficial, tomando o soldado em seus braços, enquanto Giza chamava socorro pelo rádio.

Ao ouvir a voz de Irina, o garoto parou de se debater. Ele ainda olhava para o vazio, mas parecia calmo de uma maneira inexplicável.

“Safi, fica comigo, Safi...”, chamava Irina, lamentando enquanto apertava o soldado em seus braços.

“Nós...vamos...embora...”, falava Safi, com a voz cada vez mais baixa. “Estamos...bem...e ele...vai ser médico...ajudar o irmão...a mãe...Irina...”, disse Safi.

Ele experimentou a sensação de chegar a um lugar jamais visto pelos olhos humanos. Um esplendor de cores enchia o ar a sua volta e ele sentiu que toda a sua dor e todos os seus traumas eram apagados, esquecidos. Sentiu um pouco de dificuldade para respirar, mas caiu no sono profundo antes de poder esboçar qualquer outra reação. Enquanto isso, Irina chorava e fazia um gentil movimento de vai e vem, como se pudesse embalar aquele corpo, agora silente e que nunca mais acordaria.

“Irina, ele está morto”, disse Giza, também abalada, mas percebendo que se não saíssem dali, elas também corriam perigo. “Amiga, eu não consigo imaginar a sua dor, mas você precisa sair daqui agora e atender ao chamado”.

Irina não sabia dizer há quanto tempo estava ali, com o corpo de Safi no colo, mas percebeu que o céu havia mudado e que a noite estrelada dera lugar a nuvens carregadas e um vento frio.

“Há uma ocorrência próxima a nós — somos as mais próximas, na verdade. Parece que um grupo de militares estão abusando da autoridade, invadindo as casas, quebrando as coisas e machucando as pessoas. Eu sei que você não deveria ter que fazer isso, mas tem criança envolvida, Irina, precisando da gente. Deixa que cuido do corpo do Safi, não há mais o que

fazer por ele...”. Giza tentava argumentar com Irina, que aos poucos ia recobrando os sentidos e se desvencilhando daquele a quem ela amava. Ela enxugou as lágrimas e, antes de se levantar, retirou as duas plaquinhas do pescoço do soldado e guardou consigo.

De maneira bastante automática — ela não parecia pensar no que fazia, embora seu corpo respondesse aos estímulos externos —, Irina pegou o blindado e foi em direção à ocorrência. Ao chegar no local, um conjunto de casas pequenas e de aparência muito pobre, Irina percebeu que se tratava de uma casa com vidros e porta arrombados. Não se via nem ouvia barulhos lá dentro, mas era certo que algo terrível se passara ali. Ao se aproximar da porta da casa, Irina percebeu um corpo frágil pequeno e muito machucado próximo à entrada. Ao se aproximar do corpo, antes inerte, ela percebeu que se tratava de uma *halus* que ainda respirava. Ela pensou em iniciar as manobras de primeiros socorros, mas a mulher começara a balbuciar alguma coisa:

“Fupi, fupi...”, dizia a mulher quase já sem força, apontando para um quarto adjacente. Irina ainda tentou algum outro contato com a pequena mulher, mas percebeu que seu último esforço foi apontar para onde seu filho — Irina deduzira — estava.

Irina ligou a lanterna acoplada ao capacete e entrou no aposento. Após algum tempo de procura, sem sucesso, ela escutou um barulho advindo do forro no teto e, ao lançar luz onde o ruído aconteceu, percebeu um ser ainda menor que os outros *halus* com quem ela encontrara antes: era uma criança, sonolenta, que descera do teto ao perceber a presença da oficial.

“Fubi?”, perguntou Irina, que devido à semelhança entre os sons de ‘p’ e ‘b’ na língua Samana, entendera o nome do menino de maneira incorreta. Entretanto, como não houve nenhum tipo de protesto por parte do garoto, Irina o chamaria assim dali para frente. Ela pegou o garoto no colo e, antes de sair pela sala, virou o rosto do menino para que ele não pudesse ver o corpo da mãe. Além da estranha leveza daquele ser pequenino em seus ombros, Irina notara que ele praticamente não emitia sons: pegara no sono novamente. Ela o deitou no banco de trás do blindado e partiu rumo ao hospital de campanha mais próximo. O menino estava desnutrido e desidratado e Irina ia visitá-lo durante todos os dias de sua internação. Silencioso, o garoto sempre sorria quando via Irina chegando, mas ela percebia que ele não falava. Os médicos fizeram alguns exames e constataram que não havia nenhum impedimento físico para aquele mutismo, mas que devido ao recente trauma, ele poderia estar em um processo de elaboração que, enquanto durasse, faria com que ele não se comunicasse verbalmente. Após duas semanas internado o menino teve alta. Ele seria levado para um lar temporário enquanto as autoridades competentes tentavam achar algum parente próximo que pudesse se responsabilizar pela criança.

Tanto Irina quanto Giza pediram desligamento do CORMIPE após os acontecimentos daquela noite. Giza, que fizera alguns contatos nos hospitais de campanha da intervenção, conseguira um emprego em uma cidade próxima a Solario, ao passo que Irina, após ser processada pelas atitudes de desobediência e inocentada pelo CORMIPE, conseguiu um emprego como química em uma das sucursais da Cosmo, na cidade de *Agra*. As duas amigas nunca perderam o contato. De fato, apenas algumas semanas se passaram da morte de Safi e Irina precisou da amiga, mais uma vez: ela estava esperando um filho do falecido soldado, mas quando imaginava olhar para a criança e ver nela os traços do pai, sentia uma angústia que a consumia, de maneira que tinha decidido abortar. No início, Giza tentara convencer a amiga do contrário, mas percebeu que sua argumentação só causava mais dor em Irina.

Nas áreas da *Negara* o aborto sempre foi proibido, salvo em algumas situações bastante específicas — como em caso de estupro. Havia uma pressão quase obscena para que as mães, mesmo sem nenhuma condição, mantivessem a gestação. Era comum ouvir dos religiosos mais fanáticos que ‘se a Mãe Telúrica concede, ela ajuda a cuidar’. Mas Irina já havia se decidido e com a ajuda de Giza, que conhecia uma clínica clandestina — todas eram, na verdade — ela realizou o procedimento, como se estivesse, pela primeira vez, tirando a vida de alguém.

Alguns anos ainda se passariam até o dia em que Giza ligaria para Irina e contaria para a amiga que havia decidido adotar uma criança. Com uma vida mais ou menos estável — fora transferida para o hospital regional de Solario, o que lhe garantia uma relativa segurança —, Giza resolveu adotar depois que o marido descobrira ser estéril — eles tentaram vários tratamentos e métodos, mas nem a melhor terapia da Cosmo possibilitou a concepção. Giza sabia que o assunto era delicado e sensível dada a recente história de Irina, mas insistiu para que a amiga fosse com eles no orfanato, alegando que queria muito sua participação nesse momento. Irina, ainda que bastante reticente, resolveu se fazer presente num momento tão especial como esse seria para a amiga.

O orfanato de Solario era uma instituição antiga, criada ainda quando a Trindade tinha a hegemonia religiosa na *Negara* e funcionava em uma construção ampla, uma mansão que fora doada por um milionário que não tivera filhos. Naqueles corredores colossais Irina assistia ao ir e vir de crianças e adolescentes que recebiam cuidados pessoais, médicos e educacionais. Giza fizera algumas visitas ao local em momentos anteriores e, se tudo desse certo, hoje seria a primeira vez que a criança escolhida iria para casa com eles — o casal não conseguia esconder a ansiedade, Irina podia perceber em seus rostos.

Enquanto o casal conversava com a diretora do local para acertar os últimos detalhes, como a duração da visita e o que era esperado desses encontros, Irina resolveu conhecer o lugar,

sendo acompanhada por uma das funcionárias. Naqueles corredores, como se pudesse passear pelo próprio tempo, Irina percebia a predominância de meninos, mais velhos, o que foi explicado pela funcionária: a maioria dos casais buscavam recém-nascidos ou crianças bem novas. Irina não pôde evitar sentir uma dor no peito ao ouvir a funcionária dizendo frases como ‘abandonar o filho’, ou ainda ‘rejeição’. Sua atenção foi atraída para uma sala onde várias crianças brincavam, silenciosas, o que parecia um contrassenso, já que em todo aquele lugar se ouvia as vozes, risadas e conversas das crianças. Por algum motivo, um desses que nos faz escolher uma porta e não outra nos corredores do tempo, Irina resolveu entrar na sala para observar as crianças que ali estavam. Seu coração disparou ao perceber que, assim que pisou na sala, seus olhos se encontraram com uma figura que ela já conhecera: em um dos cantos do aposento, desenhando em um papel, estava Fubi. O menino atravessou a sala correndo e abraçou Irina, com um carinho que a fez desmoronar em lágrimas.

“Vocês se conhecem?”, perguntou a funcionária, recolhendo os desenhos que Fubi fizera.

Irina explicou, o mais breve que pôde, o que acontecera. Fubi tomou os desenhos da mão da funcionária, procurando afoito por uma folha em específico. Assim que achou, ele colocou a ilustração que fizera na mesa e mostrou a Irina, que pode perceber que rabiscadas no papel estavam quatro figuras: três bem pequenas e uma maior, segurando algo que lembrava uma arma. Fubi apontou para uma das figuras diminutas no papel e apontou para si; depois, apontou para a figura maior e apontou para Irina. No fundo do desenho era possível ver alguns contornos amarelos, simbolizando o sol; ondulações de verde e marrom, como se fossem os morrotes da ilha. No canto direito inferior da página estava assinado ‘Fubi’. A funcionária explicou a Irina que como ele não tinha documentos, não falava e em todas as suas tarefas e desenhos só assinava como ‘Fubi’, resolveram manter esse como seu nome. A mulher ainda relatou a Irina que um dos professores da instituição notou que o nome ‘Fubi’ era muito semelhante ao adjetivo ‘fupi’ que, na língua Samana falada em alguns lugares fora da *Negara*, significava ‘pequeno’, ‘frágil’.